

## S E G V N D A V I R T V D E.

C H A R I D A D E  
C O M O S P O B R E S.

302 **H**E a Charidade, como lhe chamaõ os Theologos, a Rainha das virtudes; & a principal virtude, em que se esmerou a nossa Rainha, foi a Charidade; se para cõ Deos extremosa, para com os pobres excessiva; desta fez notaveis actos, não só em esta Cidade, senão também nas jornadas annuaes de Salvaterra, & na q fez à Atouguia; sendo cõtinuas as suas esmolas, hũas publicas, outras secretas; as publicas para o exemplo, as secretas para o resguardo; observando em hũas, & outras o que aconselha Christo. Diz Christo, que a esmola se deve fazer com tal segredo, que não saiba a mão esquerda, o que obra a direita: *Te autem faciente eleemosynam, nesciat sinistra tua, quid faciat dextera tua.* Porẽm sendo isto assim, encomendou a seus Discipulos, que trouxessem prevenidos lucernas accensas em as mãos: *Lucernæ ardentes in manibus vestris;* pelas quaes entende Hugo o ardor da charidade: *Ardor charitatis.* Parece que se encontra Christo em hum, & outro documento; porque se a esmola assim deve ser occulta, que não saiba hũa mão, o que faz a outra; como se compadece com o fazer a charidade tam publica, que se traga em as mãos como ardente lucerna a charidade. Tudo tem facil concordia, se

Matth. cap.  
6. n. 3.

Luc. cap.  
12. n. 35.  
Hugo hic.

se pondèra com advertencia. Haõ de ser as esmolas em segredo, para fugir ao vento prejudicial da jaçtancia, & ao ar pernicioso da vaidade; que por isso o Senhor disse, que a charidade devia ser luz accesa, para insinuar, que assim como a luz accesa tem o perigo em o vento, & o risco em o ar, sendo a jaçtancia ar, & a vaidade vento, para a charidade luzir, & para se não apagar, deve guardar-se da jaçtancia, & resguardar-se da vaidade: disse, que havia ser a charidade, como a lucerna ardente, para que, sendo manifesto o ardor do seu luzimento, sirva aos mais de exemplo; porèm de tal forte manifesto, q̄ sendo a obra em publico, a intençãõ sempre se encaminhe ao segredo; procurãdo no mesmo acto dar exemplo aos homens, & conciliar o agrado de Deos; o agrado de Deos, sendo a intençãõ secreta; o exẽplo aos homẽs, sendo a obra publica; finalmente deve ser a intençãõ dirigida, & encaminhada só ao agrado de Deos; & a obra deve ser encaminhada, & dirigida para o exemplo dos homens; disse-o S. Gregorio o Magno: *Hoc autem dico, non ut proximi opera nostra bona non videant, cum scriptum sit, videant opera vestra bona, & glorificent Patrem vestrum, qui in caelis est: sed ut per hoc, quod agimus, laudes exterius non quaeramus. Sic autem sit opus in publico, quatenus intentio maneat in occulto: ut de bono opere proximis praebemus exemplum, & tamen per intentionem, qua soli Deo placere quaerimus, semper optemus secretum.* Em summa deve a charidade, para ser luzida, ser como a lucerna accesa: ardente para se deixar ver, & juntamente para se acautelar: ardente, para a vista, escondida, para a cautela: ardente, para o luzimento, escondida, pelo resguardo, para que a vaidade a

nãõ

Greg. hom.  
ii.

não apague com o seu vento : tudo com felicidade disse S. Boaventura : *Lucerna ardens abscondit lumen à vento, sed non à visu : sic bona opera comparantur lucernæ ; quia sic debet opus esse in publico, quatenus intentio maneat in occulto.* Nas obras de charidade, que não tem por fim a jactancia, tam longe está a publicidade de deslustrar o merecimento, que antes se illustra mais o merecimento com a publicidade : tam longe está de deixarem de ser meritorias, por serem publicas, que antes o serem publicas as faz sobrefahir mais meritorias ; porque servindo com o exemplo aos outros de estímulo, são meritorias por boas, & de mais a mais meritorias por exemplares.

Bonavent.  
apud Syl-  
veir. in huc  
locum.

303 As mais das obras de charidade, que fazia a nossa Rainha, não as fazia por mão alhea, senão pela sua mão propria ; & nisto se acreditou a sua charidade da mais ardente, porque só assim se acredita de ardente a charidade. Sendo, como temos dito, as lucernas emblemas da charidade, encomendou o Divino Mestre a seus sagrados Discipulos, que as trouxessem nas mãos, exprimindo com energia, que fossem suas as mãos, em que as trouxessem : *Lucernæ ardentes in manibus vestris ;* insinuandolhes por este estylo mysterioso, & enfatico, que então he a charidade mais luzida, quando he pelas mãos proprias ministrada. Muitos, & exactos Ministros tinha a nossa Rainha, de cuja fiel inteireza fiou em muitas occasiões o desempenho de sua magnifica charidade ; porèm fiava, & confiava este desempenho da mão alhea, quando lhe era impossivel o executalo por suas Reaes mãos ; & nunca mais Reaes, q quando o executavaõ assim.

Luc. cap.  
12. n. 35.

304 Tendo Deos Senhor nosso tam bons Ministros, que são huns Anjos; pessoas de tanto espirito todos, que todos elles são espiritos; tam abrazados, & incendidos no fogo da charidade, que qualquer delles pela charidade he hum vivo, & ardente fogo: *Qui facis Angelos tuos spiritus, & ministros tuos ignem urentem*; com tudo as mayores obras de sua Divina charidade não as mandou o Senhor fazer pelas mãos de seus Ministros, senão que todas as fez por suas proprias mãos. As tres obras mais prodigiosas, em que a charidade de Deos resplandeceo para com os homens, foraõ a da Creação, a da Redempção, & a da Eucharistia: a da Creação; porque nella deu á desnudez do homem vestido para o corpo em a carne, & em a pelle, usando de misericordia em lhe conferir a vida: *Pelle, & carnibus vestiti me... vitam, & misericordiam tribuisti mihi*: a da Redempção; porque libertando a esse homem do cativeiro, & enfermidade da culpa, lhe prestou a liberdade, & a faude da graça, visitando-o com as entranhas de sua misericordia: *Per viscera misericordiae Dei nostri, in quibus visitavit nos*: a da Eucharistia; porque vendo a nossa summa pobreza, nos acodio com o sustento para a fartura: *Edent pauperes, & saturabuntur*, dandonos a sua Carne, & o seu Sangue por iguaria: *Caro mea verè est cibus*. E fiou por ventura Deos algũa destas demonstrações da sua Divina charidade das mãos, ou do ministerio de algum Anjo? Não por certo; senão, que todas as fez por suas proprias mãos: creou ao homem; & sahio animado, & vestido como obra das suas mãos: *Operi manuum tuarum*; as suas mãos o fizeram, as suas mãos o vestirão, as suas mãos o formá-

raõ:

Pfalm. 103.  
n.4.

Job cap. 10.  
n. 11.

Luc. cap. 1.  
n.78.

Pfalm. 21.  
n.27.

Joann. cap.  
6.n.56.

Job cap. 14.  
n. 15.

raõ: *Manus tuæ Domine fecerunt me, & plasmaverunt me*: remio ao homem, & deulhe a faude, & a liberdade com o seu braço omnipotente: *Fecit potentiam in brachio suo*. Sacramentou-se no paõ, que tomou nas mãos, & das suas veneraveis mãos deu aos Discipulos depois o paõ, em que se sacramentou antes: *Accipit panem in sanctas, ac venerabiles manus suas... deditque Discipulis*. E que foi na Eucharistia, na Redempçaõ, & na Creaçaõ? Em todos esses mysterios, ou se acreditou Rey, ou se declarou Senhor; Senhor em a Creaçaõ, como lhe chamou Moysés: *Dominus Deus*: Rey na Redempçaõ, porque assim o acclamáraõ os Magos em o principio: *Ubi est, qui natus est Rex?* E assim o intitulou o juiz no fim: *Jesus Nazarenus Rex*. Rey em a Eucharistia; que este glorioso titulo lhe dá o Doutor Angelico: *Christum Regem adoremus dominantem gentibus, qui se manducantibus dat spiritus pinguedinem*: & aquelles actos de charidade, em que o proprio Deos logrou o titulo de Rey, não os quiz fiar da mão de algum de seus Ministros, senão que os quiz obrar pelas suas proprias mãos; porque então se acredita a charidade de Regia, quando os seus actos não se fiaõ da mão alhea, & se executaõ pela propria.

305 Quando Christo Senhor nosso com cinco paens, & dous peixes sustentou milagrosamente as turbas em o deserto, diz o Chronista sagrado, que prevendo o Senhor, que os homens haviaõ vir para o acclamarem Rey, fugíra para o monte só: *Cum cognovisset, quia venturi essent, ut raperent eum, & facerent eum Regem, fugit iterum in montem ipse solus*. Tinha o Senhor executado com as turbas aquelle acto de charidade,

Job cap. 10. n. 8.

Luc. cap. 1. n. 51.

Eccles. in Can. Miss.

Genes. c. 2.

Matth. cap. 2. n. 2.

Id. cap. 27. n. 37.

D. Thom. in Invitat. festi Corporis Christi

Eccles. cap. 10. n. 7.

Joann. cap. 6. n. 15.

Marc. cap.  
8. n. 2.

ridade, remediando-lhes a fome: *Misereor super turbam*; & havia executado esse acto de charidade com as suas proprias mãos: *Accepit panem, & distribuit discumbentibus*; & como as proprias mãos haviaõ sido as ministras daquella obra de charidade, entendeu como quem era, que não podiaõ os homens deixar de o reconhecer, & de o acclamar Rey por hũa tam Regia acção; porque entãõ se acredita a charidade de Regia, quando se executa pela mão propria: com razão pois affirmo eu, que nunca foraõ mais Reaes as mãos da nossa Rainha, do que quando ministrava os actos de charidade com as suas proprias mãos.

306 Acodia a nossa Rainha incessantemente aos pobres, vestindo a huns, & sustentando a outros; & com as suas mãos proprias a huns ministrava o vestido, & a outros subministrava o sustento, & ordinariamente a todos, tudo; acreditando a Magestade, tanto em serem as suas mãos as ministras da charidade, quanto em a charidade, de que eraõ ministras as suas mãos. Quiz Salamaõ descrever as perfeições daquella Rainha, que escolheo entre todas para sua querida Esposa; & o mais nobre epiteto, & mais illustre episodio, com que celebrou a sua fermosura, & a sua soberania, foi a semelhança da palma: *Quàm pulchra es, & quàm decora charissima in deliciis! statura tua assimilata est palmæ*. E qual he a magestosa excellencia, com que se eleva a palma, para que a sua semelhança seja glorioso encomio daquella illustre Rainha? Direi. Na palma, como em as demais arvores, achaõ-se folhas, & frutos; & servindo os seus frutos, como os das mais, para o sustento, as suas folhas servem a muitos para o vestido: & a principal excellencia

cia de hũa Rainha soberana , he o acharem os pobres em o seu abrigo , para a desnudez , & para a fome reparo ; para a fome no sustento , & para a desnudez no vestido.

307 Esta foi a femelhança , que tanto acreditou aquella Rainha de Israel ; mas esta foi a realidade , com que se lhe aventajou esta Rainha de Portugal : aquella era como a palma , por acharem nella os pobres o sustento , & o vestido ; porèm esta levou a palma na charidade áquella , porque eraõ as suas mãos , as que ministravaõ o sustento , & o vestido aos pobres. Lá quiz o mesmo Salamaõ exagerar o inestimavel preço de hũa forte mulher : *Mulierem fortem quis inveniet ? procul , & de ultimis finibus pretium ejus ;* & disse della , que abríra ao pobre a sua mão , & extendèra as suas palmas : *Manum suam aperuit inopi , & palmas suas extendit ad pauperem.* Parece incoherente este modo de propor , & improprio este estylo de fallar. He certo , que cada mão não tem mais q̃ hũa palma , & pois porque razaõ não falla da mesma forte em hũas , & outra ? Se diz , que abrio a mão , porque não diz , que extendeo a palma , senão que extendeo as palmas , & que abrio a mão ? a mão hũa só : *Manum* , & as palmas muitas : *Palmas* ? Sim ; que tanto , que a mão se abre para soccorrer ao pobre , multiplicaõ se as palmas em as mãos : tem hũa palma , que lhe deu a natureza ; & outra , ou outras palmas , que lhe deu a charidade ; porque quando as mãos proprias , *Suam* , *suas* , saõ as ministras da charidade , multiplica de tal forte a charidade as palmas nas mãos , que sendo hũa , a que tem , como todas as demais , saõ muitas , as que levaõ ás demais todas ; sendo hũa só a mão ao abrir :

Prov. cap.  
31. n. 10.

*Manum*

*Manum suam aperuit inopi, faõ muitas as palmas ao extender: Palmas suas extendit ad pauperem.*

308 Mas oh! & como ainda áquella famosa mulher pelos excessos da charidade levou a nossa Rainha gloriosamente a palma! porque se daquella diz Salamaõ, que dava só de comer, & vestir aos seus domesticos: *Deditque prædam domesticis suis, & cibaria ancillis suis: omnes domestici ejus vestiti sunt duplicibus;* a nossa charitativa Rainha não só dava de comer, & de vestir aos seus domesticos, senão ainda aos estranhos: aquella em sustentar, & vestir aos domesticos por sua boa economia, não ostentava a charidade, porque fatisfazia á obrigação; a nossa em sustentar, & acodir aos estranhos, fazendo da charidade obrigação, fatisfazia como obrigação o que só era charidade, fazendo da virtude necessidade, & não da necessidade virtude.

309 A muito mais alto ponto, & a mais subido extremo se elevou a charidade desta em tudo incõparavel Senhora; porq, se acaso via, q não podia remediar promptamente a pobreza, senão comoos vestidos proprios, tirava os vestidos proprios, para remediar a pobreza; como se admirou naquelle caso tam divulgado em Salvaterra, quando sahindo hũa vez ao campo, & vendo nelle hũa pobre, tam pobre, tam miseravel, & tam rota, q parecia representar o papel da mesma pobreza, ordenou, q lha levassem á sua Real presença ao recolher se para casa; & recolhida com ella, despojando se a si das suas Reaes roupas, & á pobre de seus vís, & despedaçados pannos, depois de a haver lavado com suas proprias mãos, em lugar de seus pobres panos a vestio desde a interior tunica

atè



atè a ultima alfaya de todas as suas roupas ; sahindo do seu Palacio vestida como hũa Rainha , a que havia poucas horas apparecèra em o campo despida como a mesma pobreza. Certo , que só esta acção bastava para consummar aquelle Real espirito de excessivamente grande , porque chegar a tirar de si para outrem o vestido proprio , he hum acto taõ heroico, que parece , que não basta para elle hum só espirito. Nas vesporas de sua ausencia disse meu Patriarcha Elias a seu discipulo Eliseo , que pedisse , o que quizesse , que lhe concederia o despacho antes do apartamento : *Postula , quod vis , ut faciam tibi , antequam tollar à te.* Peçovos ( diz o discipulo ) que se faça em mim o vosso espirito duplicado : *Obsecro , ut fiat in me duplex spiritus tuus.* Difficultosa ( lhe responde o Mestre ) he a vossa petição : *Rem difficilem postulasti ; porèm se conservares a vida , para me veres na retirada , haveis de alcançar o despacho de petição tam difficultosa :* *Attamen si videris me , quando tollar à te , erit tibi , quod petisti.* Mais difficultosa de entender acho eu a resposta do Mestre , do que elle de despachar a petição do discipulo. He certo , que não sómente he difficil , senão ainda naturalmente impossivel , que hum só sugeito tenha mais que hum só espirito ; & pois como entende Elias , que na sua retirada será dobrado o seu espirito , sendo elle hum só sugeito ? Como ? Porque sabia Elias , o que havia fazer , quando se chegasse a retirar. Em a sua retirada havia tirar Elias a sua capa dos hombros , para a deixar a Eliseo : *Levavit pallium Eliæ , quod ceciderat ei ;* & em chegar a tirar a capa dos hombros proprios para os hombros alheyos , achou Elias , que obraria hum tam heroico

acto, que o fazelo era final, de que não tinha hum só espirito, porque hum espirito só, por mais que seja eminente, parece, que não póde obrar hũa acção tam relevante; por isso a obra Elias, quando se ausenta do mundo, & se vai para o Paraíso, porque hum taõ sublime acto não he capaz de o obrar senão hũa pessoa do outro mundo. Isto chegou a obrar a ardente charidade de meu Patriarcha Elias; porèm na nossa Rainha, em a presente acção materialmente considerada, parece (ainda que o não fosse) que ainda foi mais ardente, & excessiva a charidade; porque Elias tirou sómente a capa para hum seu cõpanheiro, & para hum seu discipulo; & a nossa soberana Rainha tirou o vestido todo atè a tunica interior para hũa desconhecida mulher. Não cessa de encarecer a Escritura sagrada o extremo amor de Jonathas a David, dizendo, que como á sua alma amava a David Jonathas: *Diligebat enim eum quasi animam suam*; & para comprovação daquelle excessivo amor, dá por razãõ, por porque, & causa, o haver-se despojado Jonathas de todas as suas vestiduras para as dar a David: *Nam expoliavit se Jonathas tunica, qua erat indutus, & dedit eam David, & reliqua vestimenta sua.* Mas nenhũa comparaçãõ tem a fineza do amor daquelle excelfo Principe, com a fineza da charidade da nossa Real Princeza: porque aquelle foi hum acto feito de hum amigo para outro; & esta foi hũa acção obrada com hũa pessoa desconhecida: aquelle foi effeito de hum amor, que tinha hum motivo humano; este foi affecto de hũa charidade, que tinha por fim, & principio o amor Divino: finalmente aquelle foi desempenho de hũa amizade extremo-

fa;

fa ; & este foi por empenho de hũa charidade excessiva.

311 Sendo porèm tam extremosa a charidade da nossa Rainha para com os pobres mayores, para com os pobresinhos pequenos ainda era mais extremosa. Com q̃ estremecidas ternuras, com q̃ affectuosos carinhos, com q̃ derretidos afagos tratava aos pobres meninos? Tomava os em os seus braços, & com as suas Reaes mãos os despia, os lavava, os vestia, & os penteava, chegando os a lançar para o repouso em o seu proprio leito, com caricias de mãy, & com mimos de ama, convertida em serva a Senhora; porèm nunca mais Senhora, do que quando assim serva, tratando aos filhinhos alheyos, como se fossem seus proprios; porque anda tam annexo ao illustre desta charidade o lustre da regalia, que todo o lustre da regalia he o illustre desta charidade. Se se ler com attençãõ todo o livro dos Cantares, acharseha, que em todo elle trata o Esposo Divino a sua querida Esposa com o titulo de Pomba: Pomba lhe chama, quando lhe louva os olhos: *Oculi tui columbarum;* Pomba lhe chama, quando lhe exagera a fermosura: *Columba mea, formosa mea;* Pomba lhe chama, quando a contempla em os buracos da pedra: *Columba mea in foraminibus petrae;* Pomba lhe chama, quando a declara irmãa, quando a applaude amiga, & quando a celebra immaculada: *Soror mea, amica mea, Columba mea, immaculata mea;* Pomba finalmente lhe chama, quando a acclama unica: *Una est Columba mea.* Notavel cousa! Se o intento do Esposo he condecorar a Esposa com a magestade de Rainha, que por isso repetidas vezes a convida para a Coroa: *Veni de Libano,*

Cantic. cap.

1. n. 15.

II. cap. 2. n.

10.  
Ibid. c. 14.

Id. c. 5. n. 2.

Id. c. 6. n. 8.

Id. c. 4. n. 8.

no, *veni, veni, coronaberis*; & por isso a compara, & af-  
 Id.c.2. n. 2. femelha á Rosa, que he das flores a Rainha: *Sicut Li-*  
 Alia lectio. *lium*; ou como tresladaõ outros: *Sicut rosa inter spinae*;  
 porque lhe não dá outro titulo mais proprio da Ma-  
 gestade, & expressivo da regalia, do que o titulo de  
 Pomba? & se a quer intitular ave, intitulando-a flor;  
 assim como ao chamarlhe flor, lhe dá o titulo de Ro-  
 sa, que he a Rainha das flores, porque, ao chamar-  
 lhe ave, lhe não dá o titulo de Aguia, que he a Rai-  
 nha das aves? entre as flores hade ser Rosa, entre as  
 aves não hade ser Aguia, senão Pomba? Sim; por-  
 que tem hũa singular excellencia a Pomba, que a cõ-  
 stitue ainda mais soberana do que a Aguia: he verda-  
 de, que a Aguia he Rainha em tudo o mais, porém  
 em hũa circumstancia, em ordem aos filhos, desem-  
 penha a Pomba mais a magestade de Rainha, do que  
 a Aguia. Gera a Aguia os filhos, & ainda pequeninos  
 tira-os fóra do ninho, para os enfayar nos voos;  
 prende-os com as unhas, sustenta-os em o ar, & exa-  
 mina, se podem fitar os olhos nos resplandores do  
 Sol; aquelles, que vè resistar com os olhos as luzes,  
 & beber rayo a rayo do luminoso Planeta os resplã-  
 dores, agazalha-os como filhos proprios; aos que  
 vè retirar das suas luzes os olhos, avalia-os estra-  
 nhos; & que faz? lança-os fóra de si, não reparan-  
 do em os expôr á mais lastimosa morte, perdendo ao  
 desamparo por falta de nutrimento a vida. A Pomba  
 pelo contrario, diz S. Gregorio Nissen, dotou-a a  
 natureza de charidade tam rara, que aos filhos estra-  
 nhos os agazalha, & sustenta, como que se fossem  
 proprios: *Pullos alienos Columba nutrit*. De modo que  
 a Aguia regeita aos filhos proprios tanto que os ava-  
 lia

Gregor.  
Nissen.

lia alheyos ; a Pomba aos filhinhos alheyos agazalha-os , como que se fossem proprios. E pois se o Esposo amante quer dar á Esposa amada a Coroa de Rainha, chame-lhe Pomba, & não Aguia; não Aguia, porque ainda que seja Rainha em tudo o mais , não o parece , nem o he em regeitar aos filhos proprios pelos presumir alheyos ; Pomba sim , porque agazalha , & sustenta aos filhinhos alheyos , como que se fossem proprios. Mas oh Rainha prodigiosa ! pois recopilando em vòs a magestade de Aguia , & a excellencia de Pomba , fostes Aguia em a boa criação , que destes aos Filhos proprios ; & Pomba em o bom acolhimento , que em vòs acháraõ os alheyos.

312 Não parou ainda aqui a excellencia desta Real Pomba, & a magestade desta innocente Aguia; senão , que representando selhe , que no Hospital Real padeciaõ necessidades os meninos engeitados, por serem poucas as amas para a sua criação, á custa da sua fazenda acrescentou nelle as amas ; acreditando a sua charidade de mais que humana , em tomar aos meninos engeitados debaixo da protecção de sua humanissima charidade. Falla o Profeta Rey da charidade de Deos , & entre as demais obras de sua grande charidade , assigna para o seu elogio o subministrar aos filhinhos dos Corvos o necessario alimento : *Qui dat jumentis escam ipsorum , & pullis corvorum invocantibus eum.* Está ás mãos o reparo. Não mandava Deos Senhor nosso excluir do seu sacrificio entre outras aves o Corvo ? Não ha duvida ; & pois se exclue os pays , como sustenta os filhos ? Aos pays reprova-os , & aos filhos alimenta-os ? Sim , sendo esta a razão. Observaõ os naturaes , que nascem os  
filhos

Pfalm. 146.  
n. 9.

filhos dos Corvos brancos, & que os pays pela cor desconhecendo os de filhos, os engeitaõ, & os não criaõ; & empenhada em Deos a charidade com os filhos, & a justiça com os pays, pela justiça reprova os pays, pela charidade sustenta os filhos: aos pays, que engeitaõ os filhos, regeita-os tambem Deos; aos filhos engeitados dos pays, sustenta-os o Senhor; alimentando aos filhos, porque são engeitados dos pays; & regeitando os pays, porque engeitaõ aos filhos: em huns abomina a culpa; em outros attende á lastima: em huns condemna a tyrannia; em outros ampara a miseria; mostrando-se tanto Deos na justiça, com que castiga a huns, como na charidade, com que ampara a outros: & se assim ostenta Deos a sua Charidade Divina, na sua gloriosa imitação acreditou a nossa Rainha de mais que humana a sua magnanima charidade; sobrefahindo esta mais luzida em tomar debaixo de sua piedosa protecção aos meninos engeitados.

313 Sem sahirnos desse Hospital, temos ainda que admirar mais actos de charidade naquelle animo heroico, naquelle espirito generoso. Quantas vezes desejou esta esclarecida Senhora ir visitar não só este, senão todos os Hospitales, para que fossem theatros de sua charidade todos? mas por não ser permittido á soberania do seu estado este suspirado exercicio, defafogava em parte o ardor deste desejo, & recompensava de algum modo este incendiado affecto, acodindo aos enfermos com repetidos socorros, de dinheiro para o seu sustento, & de doces para o seu regalo. Porém o que não parecia decencia da Magestade ir fazer fóra, executava pontualmen-

te em casa ; sendo tal o seu amor , & a sua charidade com todas as suas criadas , que ainda as inferiores , & as infimas ( & estas com mayor vontade ) nas suas enfermidades eraõ da sua presença carinhosamente assistidas , já ministrandolhes com a sua mão o sustento , já acodindolhes com o desfastio , já tomando-lhes o pulso , já applicandolhes o receitado remedio ; finalmente , em quanto com ellas estava , ambiciosamente charitativa , ou charitativamente ambiciosa não permittia , que algũa outra exercitasse ainda os mais abatidos ministerios de enfermeira ; ordenando , se lhes não dêsse , ou applicasse cousa algũa , sem primeiro a avisar , para ella o vir fazer.

314 Oh charidade verdadeiramente maxima ! & como tal , de justiça digna , & merecedora não só da Coroa da terra , senão tambem da do Ceo ! Dizia o Doutor das Gentes , que lhe tinha guardado Deos hũa Coroa de justiça : *Reposita est mihi Corona justitiæ*. E porque entendia Paulo , que se lhe devia de justiça a Coroa ? Porque era tam extremosa para com todos os enfermos a sua charidade , que sem excepção de algum se extendia a todos : *Quis infirmatur , & ego non infirmor ?* Quem he , dizia o Apostolo , que chega a enfermar no effeito , que eu tambem não enferme com elle pelo affecto ? *Quis ?* Não fazia a sua charidade em ordem aos enfermos differença de huns a outros , senão que se dilatava a todos sem algũa distincção a sua grande charidade ; todos para elle eraõ huns , & elle hum para todos ; & como assim procedia , por isso era de justiça a Coroa , que esperava : *Corona justitiæ*. Assim o practicava Paulo , & assim o observava a nossa amabilissima , & amantissima Rainha:

2. Timoth.  
cap. 4. n. 8.

2. Corinth.  
c. 11. n. 29.

nha: de tal sorte se exercitava, convertendo o seu Palacio em palestra da charidade, nos actos desta virtude para com todas as enfermas, que sem excepção de algũa se enfermava pelo affecto com todas; grandes, & pequenas; mayores, & menores; maximas, & minimas; pois desde a minima criada das que lhe assistiaõ, quando fans, a todas a sua ternura assistia, quando enfermas; ellas enfermas em o effeito, & ella pelo affecto: ellas padecendo no que padeciaõ em si; & ella padecendo mais no muito, que se compadecia dellas; sendo todas para a estimação da sua charidade hũas, & pelo excesso dessa charidade ella hũa para todas; logrando por este estylo de justiça a Coroa na terra, & solicitando a Coroa da justiça em o Ceo: *Corona justitiæ.*



TERCEIRA VIRTUDE.

HUMILDAD E.



315 Virtude da Charidade mais excessiva acompanhava a nossa Rainha com a da humildade mais profunda, sendo tam prodigiosamente profunda a sua humildade, que em todas as somanas a abatia aos pès dos pobres, porque todas as sextas feiras lavava aos pobres os pès; sendo assim, que em hum sugeito tam illustremente soberano he tam impracticavel a acção de semelhante humildade, ou, para dizer melhor, he tam impossivel a humildade de semelhante acção, que se se conhece, a não executa, & se a executa,



cuta, mostra, que senão conhece. Refere o Euange-  
 lista amado aquelle profundo acto da humildade de  
 Christo, quando com as suas mãos lavou aos Disci-  
 pulos os pès; & diz, que obrára o Senhor aquella  
 humilde acção, sabendo, que o Eterno Pay havia  
 depositado todo o poder em as suas mãos, & junta-  
 mente conhecendo, que tinha sahido do Pay, & que  
 voltava para elle: *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in ma-* Joann. c. 3.  
*nus; sciens, quia à Deo exivit, & ad Deum vadit... cœpit*  
*lavare pedes Discipulorum.* Mas que coherencia tem em  
 Christo esta humildade com aquelle conhecimen-  
 to, para que o Euangeiista declare, que o Senhor te-  
 ve aquelle conhecimento, quando se houve de exer-  
 citar nesta humildade? Respondo, & juntamente  
 pergunto: Como sahio Christo do Pay? Com hũa  
 geraçãõ tam esplendida, que foi entre esplendores  
 sua illustre geraçãõ: *In splendoribus sanctorum ex utero* Psalm. 109.  
*ante luciferum genui te.* Como havia ir para o Pay? Com n. 3.  
 os applausos, & acclamações de Rey: *Introibit Rex* Psalm. 23.  
*gloria;* & vendo o Euangelista, que havia referir, que n. 7.  
 Christo Redemptor nosso com hum tam illustre  
 nascimento, & com hũa ascendencia tam Regia, &  
 tam illustre executára hum acto de tam profunda  
 humildade, como era o lavar os pès a hũas pessoas  
 pobres; para facilitar o credito, achou, que era ne-  
 cessario declarar, que o Senhor obrára femelhante  
 acto, conhecendo o illustre de seu nascimento, o so-  
 berano da sua pessoa, & o regio da sua soberania,  
 porque se o não declarasse, arriscava-se a que nin-  
 guem o crèsse; porque he tam impossivel na estima-  
 çãõ dos homens a uniaõ de femelhante humildade  
 com o conhecimento de tanta soberania, que só def-  
 conhecen-

Rupert. in  
hunc locū.

conhecendo Christo a sua soberania se poderia abater a tam profunda humildade: foi, diz Ruperto Abade, hũa humildade tam admiravel, que só podia ser effeito de hum amor indifivel: *Hæc, & hæc sciens surgit à Cæna, videlicet, ut ineffabilis opera dilectionis, habitu, vel actu significaret admirandæ humilitatis.* Porém tam longe esteve aquella profunda humildade de deslu-

g. c. m. s. o. l.

strar no Senhor a sua alta soberania, que antes, como diz Theofilacto, conhecendo a eminencia da sua soberania se exercitou em acto de tam profunda humildade, porque não temia diminuila, senão que quera acreditarla: *Cum sciret, quòd omnia tradidisset ei Pater, & quòd à Deo exisset, & ad Deum iret, non timebat minui gloriam suam, lavans pedes Discipulorum suorum.*

Theophil.  
hic.

Assim o disse o Senhor fallando com os Discipulos depois de acabada a acção: *Vos vocatis me, Magister, & Domine, & benedicitis, sum etenim.* Vòs me chamais Senhor, & Mestre; & dizeis bem, porque na realidade sou Mestre, & sou Senhor; antes nunca tanto o fui, como agora o sou: tam longe esteve esta acção, que parecia de humildade, & desconhecimento, de fer desconhecimento, & humildade, que antes nella acreditei como Mestre o conhecimento, & como Senhor a soberania; porque nunca mais Senhor, do que quando conhecendo a minha soberania me empreguei em hum acto de tam profunda humildade.

P. l. m. 109

P. l. m. 23

11. 7.

Este, se me não engano, foi o enfasi, & o mysterio, com que o Chronista sagrado, sendo Reys aquelles Magos, que vieraõ buscar a Christo, não lhes chamou Reys, senão Magos: *Ecce Magi ab Oriente venerunt.* Como havia referir, o que obráraõ depois, achou, que era necessario declaralos Sabios

Matth. c. 2.

conhecen-

antes,

antes, & que era desnecessario intitularlos Reys antes, porque elles se declarárao por taes no que obrárao depois. He verdade, que os Magos buscárao a Christo Rey: *Ubi est, qui natus est Rex?* Porém quando a estrella os conduzio ao Portal, o que achárao, foi hum Menino tam pobre, que era da mesma pobreza o mais expressivo retrato aquelle pobre Menino; achárao, que aquelle Rey não tinha mais Palacio, que hũa Lapa; mais throno, que hum Presépio; mais purpura, que huns pobres pannos; mais guarda, que a de huns brutos; mais assistentes, que sua humilde Mãe, & o que na opiniaõ era seu Pay; pobres todos, & pobreza tudo; & sem embargo disso, que fizerao? Arrastrando por terra as purpuras, com o joelho no chaõ lançárao aos seus pès as Coroas: *Proidentes adoraverunt eum*; & á vista de hum acto de tam raro abatimento, achou o Euangelista, que mais era necessario declararlos Sabios, que Reys, porque elles na acção se acreditavao Reys, & não pareciao Sabios: acreditavao a regalia em se prostrar aos pès da pobreza; mas em se ajoelhar, & lançar aos pès da pobreza, pareceria ao mundo, que desconheciao a regalia: huns homens Reys aos pès de hum Menino pobre, he acção tam impracticavel na estimação dos homens, que achou o Euangelista, ser preciso, & necessario declarar, que erao Sabios, & como taes conheciao, quem erao, quando assim obravao, para que não duvidasse o mundo, de que obrárao assim, reconhecendo quem erao: mas não era necessario o intitularlos Reys, porque naquella humildade acreditavao a regalia, & para se conhecer a sua regalia, bastava dizer-se, que obrárao semelhante acto de

humildade: por isso, sendo Magos, & Reys, não os disse Reys, senão Magos: *Ecce Magi ab Oriente venerunt.*

317 Engana-se, quem imagina, que são entre si oppostos, a humildade, & a soberania; o abatimento, & a magestade; porque antes de tal sorte se funda, & estabelece a magestade no abatimento, & a soberania na humildade, que se falta a humildade, desapparece a soberania. Vio Nabucho aquella Estatua de diferentes metaes, a qual principiando em ouro vinha a rematar em barro, sendo o barro o fundamento, que sustentava o ouro; porque o ouro adornavalhe a cabeça, & o barro mais lhe compunha, do que descompunha os pés. O que supposto, he digno de toda a admiração o que refere o texto. Diz, que desprendendo-se de hum monte húa pedra, & dando nos pés da Estatua, tudo desfizera em cinza: *Redacta sunt quasi in favillam.* Notavel cousa, & notavel caso! Que se faça, ou desfaça em pó o barro, está bem; mas que se reduza em cinza o ouro, parece que está mal: caya embora o ouro, quando se arruina o barro; mas desfaça-se o barro, & permaneça o ouro. Isso não; que quiz mostrar allegoricamente o Ceo na soberania do ouro, & na humildade do barro, que o ouro da soberania se fundava de tal sorte no barro da humildade, que assim como, faltando a humildade do barro, desapparecia a soberania do ouro, também faltando o barro da humildade, por consequencia forçosa havia desapparecer o ouro da soberania: *Redacta sunt quasi in favillam.*

Daniel. c. 2.

318 Assim se funda a soberania na humildade, & assim se afiança a magestade no abatimento. Não são

menos

menos para veneradas as Coroas abatidas, antes quando abatidas, entãõ mais para veneradas; não conciliaõ tanto os respeitos, quando impostas na cabeça, quanto, quando postas aos pès. Mandava Deos Senhor nosso, que aos pès da vestidura do Sacerdote supremo se puzessem hũas romãs misturadas com campainhas: *Ad pedes quasi mala punica, mixtis in medio tintinnabulis.* Saõ as romãs entre os demais pomos, as que se adornaõ com Coroas; com o que postas aos pès as romãs, ficavaõ as Coroas aos pès: as campainhas, como disse o A Lapide, fervem de excitar para os cultos, & de conciliar os respeitos: *Ad excitandam reverentiam;* & por isso mandou Deos, que se achassem as campainhas misturadas com as romãs, que estavaõ aos pès, porque as Coroas abatidas saõ mais para respeitadas; a cada Coroa, que se poem aos pès pelo abatimento, se avincula hũa campainha, que concilia o respeito, & soa para o applauso.

Exod. cap. 28. n. 38.

Cornel. hñc

319 Esta differença vai das Coroas, que adornaõ a cabeça, ás Coroas, que se prostraõ aos pès; que mais saõ de quem as logra, quando se prostraõ aos pès, que quando adornaõ a cabeça: & os que saõ fervos de Deos não fundaõ a soberania no ornato das Coroas, senãõ no desprezo dellas; & só as seguraõ na cabeça, quando as lançaõ aos pès. Tudo com prova hum só texto. Vio o Euangelista a huns Anciãos na gloria cõ Coroas na cabeça: *In capitibus eorum* *Coronæ aureæ*, os quaes tirando da cabeça as Coroas, as lançaõ aos pès diante daquelle throno, em que assistia o Cordeiro: *Mittebant Coronas suas ante thronum.* E qual feria a razãõ, porque aquelles espiritos appare-

Apocalyp. cap. 4. n. 4.

apparecendo com Coroas antes , querem sem ellas  
 apparecer depois ? E porque o Euangelista, quando  
 as tinhaõ na cabeça , não lhes chama suas , senão só-  
 mente Coroas : *In capitibus eorum Coronæ* ; & quando  
 as prostraõ aos pès , não lhes chama só Coroas , senão  
 suas : *Mittebant Coronas suas* ? A razão he ; porque  
 aquelles Espiritos não fundavaõ a soberania no or-  
 nato das Coroas , senão no desprezo dellas , & por  
 isso mais queraõ telas aos pès pelo desprezo, que na  
 cabeça por ornato ; achando, que eraõ mais suas ,  
 quando aos pès abatidas , que quando na cabeça  
 exaltadas. Abatem pelo desprezo as Coroas aos pès,  
 porèm nessas mesmas Coroas , que por humildes  
 desprezaõ , tem as melhores Coroas , com que so-  
 beranos se adornaõ ; tem finalmente as Coroas nas  
 Coroas, que não tem ; & entaõ as tem nas cabeças ,  
 quando as tem aos pès. Parece paradoxo , & he do  
 texto. Senão pergunto : Quando vio o Euangelista  
 aquelles Espiritos sem Coroas ? Quando os quatro  
 animaes davaõ a gloria a Deos : *Cùm illa animalia darent  
 gloriam sedenti super thronum , viginti quatuor Seniores mit-  
 tebant Coronas suas*. Bem. Não affirma o Euangelista,  
 que aquelles animaes sem interrupçaõ algũa cantavaõ  
 a Deos a gloria , assim de noite, como de dia : *Re-  
 quem non habebant die , ac nocte* ? Logo se aquelles Va-  
 rões estavaõ sem as Coroas , em quanto os animaes  
 cantavaõ a Deos a gloria ; não se podendo assignar  
 instante algum de tempo , em que esses animaes não  
 déssem a gloria a Deos , segue-se por consequencia  
 infallivel , & forçosa , que se não podia assignar al-  
 gum instante de tempo , em que aquelles Varões ti-  
 vessem nas cabeças as Coroas : como diz pois o Eu-  
 angelista,

angelista, que os vio com Coroas na cabeça: *In capitibus eorum Coronæ?* Dificuldade he esta, que parece não tem reposta; mas vai muita differença dos que olhaõ para as Coroas, sendo Aguias, como Joaõ, ou não sendo, como Joaõ, Aguias: se os que olhaõ para as Coroas, não faõ Aguias, como Joaõ, achaõ, que não tem os fugeitos as Coroas na cabeça, senão só, quando nellas as tem; porèin aquelles, que, como Joaõ, faõ Aguias, quando vem, que alguns fugeitos pela sua humildade prostraõ aos pès as Coroas, nessas Coroas, que não tem, reconhecem, que as tem; & que quando as tem aos pès, entaõ com mayor segurança as tem sobre a cabeça: *Mittebant Coronas suas: In capitibus eorum Coronæ.*

320 Mas oh! que primorosamente observou esta politica, & practicou esta doutrina a nossa Rainha soberana! punha, & depunha muitas vezes a Coroa aos pès, como quem reconhecia, que só entaõ com a mayor segurança a firmava na cabeça; & não só a punha aos seus pès, senão aos pès dos pobres: de tal sorte na humildade fundava a soberania, que nunca mais se estimava soberana, do que quando parecia se desestimava por humilde: bem conhecia, quem era, quando de tal sorte se abatia, que se prostrava aos pès dos pobres, para lhes lavar os pès; mas na humildade, com que se abatia, desempenhava, & realçava a soberania de quem era. Lá affirmou o Poeta, que se não germanavaõ bem a magestade, & o amor:

*Non bene conveniunt, nec in una sede morantur* Ovid.

*Maiestas, & amor.*

E como era tam grande a charidade, & o amor, que abra-

abrazavaõ aquelle Real, & generosissimo peito, por isso depondo a magestade, buscava naquella agua o refrigerio a tanto incendio; & não se abatèra tanto, se o seu amor não fora muito.

Luc. cap. 7.  
n. 47.

Em casa do Fariseo louvou Christo Senhor nosso o amor da Magdalena, applaudindo-o de estremofo, & acreditando-o de excessivo: *Dilexit multum*; & se quizermos saber, em que a Magdalena ostentou naquella occasiaõ grande a sua charidade, & excessivo o seu amor, acharemos, que diz o texto, que regou com as suas lagrimas, & limpou com os seus cabellos os pès a Christo: *Lacrymis cœpit rigare pedes ejus, & capillis capitis sui tergebat*. E pois porque a Magdalena applicou os seus cabellos aos pès, que lavou de Christo, acreditou nessa obra a sua charidade com tal excessõ, que merece ser applaudida, & celebrada do mesmo Christo? Sim. Se attendemos ao que era a Magdalena, ao que Christo era em si, & ao que representavaõ os seus pès. A Magdalena era hũa mulher illustre por nascimento, porque era fenhora de hum Castello: *De Castello Mariæ*: Christo era pobre em si: *Pauper sum ego*; & os seus pès, como diz Hugo, representavaõ aos pobres: *Pedes Christi sunt pauperes*. Que fez pois a Magdalena em aquella sua obra? Lavando a Christo os pès, lavou os pès a hum pobre; & applicando aos pès de Christo aquellas madexas de ouro, applicou aos pobres os seus bens, moveis juntamente, & de raiz: he verdade, que Santo Agostinho affirma, que aquelles bens figuravaõ os superfluos, porque os cabellos são superfluidade do corpo, como dizem os Philosophos: *Si habes superflua, da pauperibus, & Domini pedes ter-*

Aug. tract.  
50. in Joan.

*sisti;*



*sisti ; capilli enim superflua corporis videntur ;* porém sendo isto assim, deu-se Christo por tam pago de semelhãte acção, que reconhecendo na esmola, & na humildade o amor, applaúdio de grande o amor na esmola, & na humildade. Como se differa Christo: Que hũa mulher tam illustre, assim se ostente humilde, que se resolva a lavar os pés de hum pobre! E que assim seja esmoler, que applique os seus bens, ainda que superfluos, aos pobres representados nos meus pés! isto he hũa charidade, & hum amor tam excessivo, que deve a sua grandeza ser acclamada em todo o mundo: semelhante beneficencia, & tam grande abatimento só procedem de hum amor excessivamente extremo: *Dilexit multum.* Assim applaúdio Christo aquella Maria entã, & assim se deve celebrar a Serenissima Rainha D. Maria agora; porque nivelado o amor de hũa Maria Rainha pelo de outra Maria Senhora, faz emulação tam gloriosa o desta, ao daquella Maria, que se não podemos dizer, que a excedeo no extremo, podemos asseverar, que a igualou no excesso: hũa, & outra grande em a charidade; hũa, & outra grande no abatimento, tendo por illustre principio o profundo do abatimento, o alto da charidade.

322 Na mesma acção, ou no mesmo acto, em que a nossa Rainha soccorria aos seus pobres com as esmolas das mãos, se abatia a lavar-lhes os pés; sendo aquella humildade o instrumento mais proprio da sua exaltação; porque, como discretamente disse Plinio o moço, aquelle que tem chegado ao mayor cume da soberania, não tem outro melhor arbitrio, para poder crescer a mais, que abater-se a menos;

Plin. Jun.  
in Paneg.  
Traj.

porque a apparente diminuição da sua soberania, he a mayor segurança para a sua grandeza : *Cui nihil ad augendum fastigium superest, hic uno modo crescere potest, si se ipse submittat securus magnitudinis suæ.* Não aspirava a nossa Rainha a mayor grandeza em ordem aos homens, senão em ordem a Deos, porq̃ mais queria ser grande para com Deos, que para com os homens; & como Deos costuma abater aos que apostaõ a se exaltar, & exaltar aos q̃ estudaõ em se abater, fazia todo o estudo em se fazer a si pequena, para q̃ Deos a fizesse grande. Lá disse Deos a Saul estranhando a sua soberba: Não consideras, que sendo tu tam pequeno, eu te exaltei a grande? *Non ne, cum parvulus esses in oculis tuis, caput in tribubus Israel factus es?* & foi o mesmo, como pondéra Bernardo, que dizerlhe o Senhor: Fizte grande, em quanto para ti eras pequeno; agora fartehei para mim pequeno, já q̃ para ti te fizeste grande: *Ac si apertè dicat: magnus fuisti, quia despectus tibi; sed nunc, quia magnus tibi factus es, es despectus mihi.*

1. Reg. cap.  
15. n. 17.

Bernard.  
Serm. 3. 10.  
Pentec.

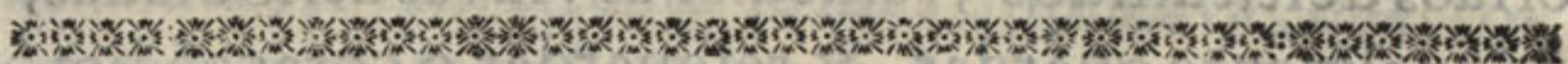
Apocal. cap.  
12. n. 1.

Este erro daquelle Rey de Israel emendou exactamente esta Rainha de Portugal: querendo só para Deos ser grande, de tal forte pela humildade se fazia a si pequena, que parece se fazia a propria humildade; competindo em a terra com aquella prodigiosa mulher, que appareceo no Ceo: *Signum magnum apparuit in celo.* Era aquella mulher tam soberana, & tam luzida, que não calçando, senão calcando os resplendores da Lua, por gala do luzimento lhe servia o Sol de manto: *Amicta Sole, Luna sub pedibus ejus.* Era hũa mulher Rainha, porque as Estrellas lhe formavaõ para a cabeça Coroa: *In capite ejus corona Stellarum;* & com tudo isso diz Gerson, que era a humil-

humildade aquella admiravel mulher: *Hoc est signum magnum apparens in caelo, mulier, id est, humilitas.* E que outra couia foi a nossa Rainha em a terra mais, que hũa assombrosa mulher, como aquella do Ceo? Toda luzida no procedimento, & coroada pelo estado; mas tam raramente humilde, que era em as suas açõs a propria humildade; mas por isso, se aquella hũa maravilha no Ceo, esta hũa maravilha na terra, ou em a terra hũa mulher verdadeiramente do Ceo: *Signum magnum apparens in caelo, mulier, id est, humilitas.*

Gerfon Ser.  
1. in Cant.  
Dom.

Lib. 1.  
cap. 28.



Q V A R T A V I R T U D E.

R E L I G I A Õ.

Epist. 1.  
cap. 1.  
n. 27.

324



Ultima das principaes virtudes da nossa preclara Rainha foi a primeira, que expuzemos de seus felices vassallos. He esta a Religiaõ, a quem os Antigos Filósofos diversamente definiraõ, & os Doutores Catholicos differentemente descreveraõ. Cicero diz, que a Religiaõ he hum reverente obsequio, com que se exercitaõ as ceremonias pertencentes ao Divino culto: *Religio est, per quam reverenti famulatu caeremonia Divini cultus exercentur.* Petrarcha affirma, que aquella Religiaõ he a verdadeira, a qual nos ata com Deos, introduzindo a humildade, & extirpando a insolencia: *Hæc autem vera Religio, quæ te Deo religat, Deum tibi, humilitatem piis mentibus inserit, insolentiam extirpat.* Lactancio assevera, que he a Religiaõ hum vinculo de piedade, que nos une, & prende a

Cicer. lib.  
1. de nat.  
Deor.

Petrarch.  
Dialog. 13.

D. Thom.

Deos, porque todos somos gerados com a precisa obrigação de lhe sermos agradecidos, prestandolhe os devidos obsequios, reconhecendo-o só a elle, para o seguir, & seguindo o a elle só, para nos desempenhar: *Hac enim conditione gignimur, ut generanti nos Deo justa, & debita obsequia præbeamus; hunc solum noverimus, hunc sequamur: hoc vinculo pietatis obstricti Deo & religati sumus; unde ipsa Religio nomen accepit.* O Apóstolo Santiago ensina, que a Religião pura, & immaculada para os olhos de Deos, he foccorrer aos orfãos destituidos, remediar as viúvas atribuladas, & finalmente guardar, & resguardar o coração limpo, & incontaminado das immundicias do seculo: *Religio munda, & immaculata apud Deum, & Patrem, hæc est: visitare pupillos, & viduas in tribulatione eorum, & immaculatum se custodire ab hoc sæculo.* Suppostas pois estas definições de huns, & estas descrições de outros, claramente se deixa ver, o quanto resplendeceo na nossa soberana Rainha a virtude da Religião; porque, qual mais reverente em os sagrados obsequios? Qual mais sollicita dos Divinos cultos? Qual mais humilde, & qual menos insolente? Qual a Deos mais agradecida nos reconhecimentos de obrigada? Qual a Deos mais estreitamente atada, & mais apertadamente unida? Qual mais applicada ao conhecer, & mais pontual em o seguir? Qual mais compassiva com os orfãos, & mais charitativa com as viúvas? Qual mais propicia aos affligidos, & mais benefica para os necessitados? Já o temos demonstrado, & não necessita de repetido.

Lact. Firmian. lib. 4. cap. 28.

Epist. Jacob. cap. 1. n. 27.

D. Thom.

325 Varios actos desta virtude assigna o Doutor Angelico, internos huns, & externos outros: os in-

ternos

ternos são a devoção, & a Oração; os externos a adoração, os sacrificios, a satisfação dos votos, o cumprimento das promessas, & a oblação dos dons; & em todos estes actos foi aquelle generoso animo, & aquelle Real espirito tam singular, & tam unico, que o podemos applaudir unico, & singular; & o que mais he, que de todos quasi, fomos testemunhas quasi todos. Quem de nós não inferio a sua devoção interna da sua externa devoção, na assistência á celebração dos Officios Divinos? tam applicada os attendia, & tam attenta se lhes applicava, que toda immovel, & absorta em nada se divertia; & extendendo aos Santos a sua rara devoção, nos multiplicados nomes, que impunha aos filhos, explicava o ardor da devoção, que tinha aos Santos, sendo em esta materia a sua Religião tam regiamente exquisita, que queria ver nos filhos, mais que os vestidos da regalia, os habitos da Religião, instruindo-os, & ensayando os desde a primeira idade á futura observancia de tam heroica virtude. Da sua muita Oração não só foi testemunha occulta o segredo, & o retiro do seu Palacio, & Oratorio, senão publicos theatros as Igrejas, & os Templos; edificando com o exemplo a huns, & confundindo a outros. O admiravel acatamento da sua adoração, tanto do Sacramento Santissimo, como das imagões dos Santos, tributando a de Latria a hum, & a de Dulia a outros, sem faltar com a de Hyperdulia á Rainha suprema dos Anjos; a profunda veneração nos holocaustos, & sacrificios; a pontual satisfação de seus piedosos votos; o exacto cumprimento de suas devotas promessas; a multiplicada oblação de seus magnificos dons,

Jeronym.  
epist. 99. ad  
Nepot.

dons, não se terminando no mundo abbreviado desta Corte de Lisboa, chegáráõ a Atouguia, & se extendêráõ a Beja: na Atouguia concorrendo com copiosas esmolas para a fabrica nova de hum sumptuoso Templo; em Beja, edificando de novo hum grandioso Collegio. Escrevia S. Jeronymo hũa carta a Nepociano, & dizialhe assim na carta: *Extruis monasteria, multus à te per insulas Dalmatiæ pauperum numerus sustentatur; sed melius faceres, si & ipse Sanctus inter Sanctos viveres.* Erigis, & edificaes Conventos, sustentais pelas Ilhas de Dalmacia grande numero de pobres; porèm muito melhor obráreis, se vivendo entre Santos, fosseis Santo no obrar, & Santo em o viver. Porèm se o Doutor da Igreja, vivendo nos nossos tempos escrevêra á nossa Rainha, diferentes haviaõ ser as razões da sua carta; porque se aquella foi, parte louvor, & parte advertencia; parte conselho, & parte elogio; para a nossa Rainha havia aquelle conselho converter-se em elogio, & aquella advertencia em louvor; porque quanto se achava em o seu procedimento, tudo era para louvar, sem haver, que lhe advertir; edificava Mosteiros ás suas despesas, porèm mais edificava com o exemplo das boas obras; sustentava multidaõ innumeravel de pobres, mas tam rica de virtudes, que não só fazia o bom, senão o que o Doutor Maximo advertia por melhor, que era hũa vida santa, anhelando summamente fazer hũa santa vida: *Sed melius faceres, si & ipse Sanctus inter Sanctos viveres.*

326 Diz Lactancio Firminiano, que a verdadeira Religiaõ não consta, nem se compoem de cousas corruptas da terra, senão sómente das virtudes incorrupti-

corruptiveis do Ceo: *Non enim Religio caelestis constat ex rebus corruptis, sed ex virtutibus animi, qui oritur è caelo;* & querendo a nossa Rainha acreditar a sua Religiaõ de cabalmente verdadeira, compunha, & inteirava das mais perfeitas virtudes a sua Religiaõ; sendo para admirar a grande Religiaõ de suas heroicas virtudes, & as heroicas virtudes de sua grande Religiaõ; recopilando em si só os actos de Religiaõ, em que sobrefahiraõ excellentes para o Divino agrado os mais avultados fugeitos de hum, & de outro sexo; porque nella se admirou a Religiaõ de Abel, a de Noè, a de Endòs, a de Abrahaõ, a de Isaac, a de Jacob, a de Moyfès, a de Araõ, a de Josuè, a de Gedeõ, a de Tobias, a de Aza, a de Joíadas, a de Jehu, a de Josias, a de Mathat, a de Ezechias, a de Mathatias, & a de Simeaõ: a de Lois, a de Eunice, a de Theodolinda, a de Mathildis, a de Thirá, a de Theodora, a de Ludgardis, a de Anna, a de Isabel, & a de Maria, sendo Maria Sofia Isabel só, o epilogo, & o epitome dos demais todos, & de todas as demais. Leaõ-se com attençãõ as Escrituras Divinas, & as Historias humanas, & acharseha comprovado, o que aqui não póde ser expellido. Consultáraõ os Athenienses o Oraculo de Apollo, desejosos de saber, qual era a Religiaõ, que deviaõ observar, & depois de outras repostas veyo a concluir o Oraculo, que observassem a optima. Eisto, que ao Gentilismo persuadio o Oraculo, he, o que a nossa Rainha practicou christianizado em o seu procedimento; foi optima a sua Religiaõ, escolhendo para com Deos, como Maria, a parte optima: *Maria optimam partem elegit.*

Lact. Firmin. lib. 6. cap. 2.

Poliant. verb. Religio.

Luc. cap. 10. n. 42.

Esta

Esta Religião pois, que a nossa amada Rainha observou em todo o discurso de sua justificada vida, resplendeceu com mayor lustre na sua enfermidade, & na sua morte; candeia, que estava para se apagar, & por isso mais desperta em o luzir. Ella foi, a que espontaneamente, sem persuasão dos Medicos, pedio os Sacramentos, prevenindo-se em advertir ao seu Confessor o mesmo, que o seu Confessor ao tempo opportuno não havia de faltar em lhe advertir a ella: ella foi, a que quando a enfermidade ainda não tinha chegado ao ultimo perigo, cõ Christianissimo acordo, pedio, que da Parrochia se lhe levasse por Viatico a sagrada Eucharistia: ella, a que attenta mais á salvação da sua alma, que á faude do seu corpo, não curava tanto dos remedios para a faude do corpo, quanto procurava os subsidios para a salvação da alma: com que terna devoção, & com que devota ternura escutava a direcção do seu Padre espiritual, achando só consolação nas doces jaculatorias, com que fallava com Deos, sem mostrar, que fazia caso de algũa outra consolação! fatidica da sua morte, & pronostica do seu fim, não a sobressaltou a noticia, porque a previo, & prevenio a cautela: até que ultimamente, como vivia para morrer, veyo a morrer, como vivia, tendo aquella ditosa morte, de que sempre havia dado indicio a sua vida; verificando-se della o que disse o Camões:

*Que sempre deu a sua vida claro indicio*

*De vir a merecer tam santa morte.*

Assim morreo; & era justo, que morresse assim, para que, se ao viver teve sempre por mortal a vida, ao morrer achasse vital a morte, como observou o Boscan:

*Justo*



*Fusto es tan buen morir,  
Y que la vida despida:  
Pues a tan alta partida  
Bien se le puede dezir:  
En la muerte está la vida.*

Boscan. lib.  
1. Mar de  
amdr.

He verdade, que não podemos com certeza afirmar, que está a sua alma no Ceo logrando a vista de Deos; porque isto se não póde saber, se Deos o não revelar, ou a Igreja o definir: porèm regendonos pelos actos de sua ajustada vida, & attendendo ás circunstancias de sua ditosa morte, humana, & piedosamente podemos crer, & afirmar, que hiria a reynar com Deos em a gloria do Ceo, quem tam bem soube proceder ao reynar em a terra; applicando na sua morte á nossa suspirada Rainha, o que disse o Sá de Miranda na de sua querida Esposa:

*Aquelle espirito já tam bem pagado*

Sá de Mi-  
randa.

*Como elle merecia, claro, & puro,*

*Deixou de boa vontade o valle escuro*

*De tudo o que já vio como anojado,*

*Aquelle espirito, que do mar irado*

*Destá vida mortal posto em seguro*

*Da gloria, que lá tem de herdade, & juro,*

*Cá nos deixou o caminho abalizado.*

*Alma aqui vinda nesta nossa idade*

*De ferro, que tornaste a antiga de ouro,*

*Em quanto cá regeste a humanidade*

*Em chegando ajuntaste tal thesouro,*

*Que para sempre dura: ah vaidade*

*Ricas areas deste Tejo, & Douro!*

E o que Torquato Tasso suppoem, que disse o Bulhaõ na morte de hum seu companheiro:

Torq. Taff.  
Jerusal. Li-  
berat. Cant.  
3. alma

*Vivi beata pur che nostra sorte,  
Non tua sventura a lagrimar n' inuita,  
Poscia ch' al tuo partir si degna, e forte  
Parte di noi fa col tuo pié partita:  
Ma se questa, ch' el volgo appella morte  
Privati ha noi d' una terrena aita,  
Celeste aita hora impetrar ne puoi  
Che'l Ciel t'accoglie infra gl' eletti suoi.*

Sap. cap. 3.  
n. 1.

329 Supposto pois o haver fido na nossa illustre Rainha tam justo, & justificado seu Real procedimento, essa justiça da vida a sentenciou á morte. He verdade, que diz o Espirito Santo, que não toca ás almas dos justos a morte com o seu tormento, porque estaõ em a mão de Deos: *Iustorum animæ in manu Dei sunt, & non tanget illos tormentum mortis*: mas em dizer, que estaõ na mão de Deos, mostra, que estaõ esses justos sempre em o fim da vida agonizando cõ a morte. Duas cousas tem a morte; he castigo, & he descanso; para os bons he descanso, para os máos he castigo: para os máos, como he castigo, toca-os com o tormento; para os bons, como he descanso, não os toca com o tormento, conduz-os fim para o refrigerio: *Iustus, si morte præoccupatus fuerit, in refrigerio erit*. De hum enfermo, que tem chegado a perigo de vida conhecido, costumamos a dizer, que está em as mãos de Deos; & isto mesmo me persuado, que quiz o Espirito Santo insinuar em o justo: não os toca, he verdade, com o seu tormento a morte; mas estaõ nas mãos de Deos pelo perigo da vida. Ainda acrescento mais. Não diz o Espirito Santo, se o advertimos bem, que os justos estaõ em a mão de Deos; senão, que na mão de Deos estaõ as almas dos

Id. cap. 4. n.  
7.

Cambrésio.  
act. 27.

dos justos : *Iustorum animæ in manu Dei sunt.* E quando entrega hum justo a Deos Senhor nosso a alma? He certo, que quando acaba a vida; assim se vio em Christo, que quando acabou a vida, entregou em as mãos do Pay a alma : *In manus tuas commendo Spiritum meum : Tradidit Spiritum.* E são cousas tam indistinctas a justificação, & a morte; ou são termos tam identicos, o ser morto, & o ser justo; que quando quer chegar aos justos com o seu tormento a morte, não os toca, porque já acha postas nas mãos, ou na mão de Deos as almas dos justos : *Iustorum animæ in manu Dei sunt, & non tanget illos tormentum mortis.*

Luc. cap.  
23. n. 46.  
Joann. cap.  
19. n. 30.

330 Este, se me não engano, he o profundo mysterio daquellas obscuras palavras do Euangelista querido no seu Apocalypse sagrado. Diz, que são bemaventurados os mortos, que morrem em o Senhor : *Beati mortui, qui in Domino moriuntur.* Que dizeis, Benjamin de Christo? exclama S. Ambrosio. Que morto póde morrer, para que vòs affirmeis, que morrem os mortos : *Quis mortuus mori potest?* Os mortos são os que morrèraõ já, os vivos são, os q morrem; & pois como asseverais, que morrem de tempo presente : *Moriuntur*, os que por mortos já morrèraõ de preterito : *Mortui?* Mas diz bem o Euangelista; que como falla dos justos, & dos bemaventurados : *Beati*, estes já se reputaõ por mortos, quando ainda estaõ vivos. Esta differença se acha entre os bons, & os máos, que todos ao mesmo tempo estaõ vivos, & estaõ mortos; mas como? Os máos são huns vivos mortos, os bons são huns mortos vivos : os máos são vivos para o mundo, & mortos para Deos; os bons são vivos para Deos, & mortos pa-

Apocal. c.  
14. n. 13.

S. Ambrosio.

ra o mundo : para huns foi a morte vida , porque leváraõ boa vida , sem se disporem com algũa mortificação para a morte ; para outros foi a vida morte , porque se mortificáraõ fazendo hũa vida boa , para lograrem melhor vida : os máos , como vivos mortos , morrem quando vivem ; os bons , como mortos vivos , vivem quando morrem ; & assim quando chega a morte , diz-se dos máos , que morrem os vivos ; & dos bons , que morrem os mortos : diz-se dos máos , que morrem os vivos , porque foi para elles antecedentemente a morte vida ; diz-se dos bons , que morrem os mortos , porque antecedentemente foi para elles a vida morte : *Beati mortui , qui in Domino moriuntur* ; mas de tal forte saõ mortos vivos , diz S. Joaõ Damasceno , q̃ nunca mais vivos , do q̃ quando assim mortos ; porq̃ como Deos , em cuja maõ estaõ , he vida juntamente , & luz , nunca lograõ melhor luz , & nunca tem melhor vida , que quando estaõ em a maõ de Deos : *Vita enim est Deus , & lux ; & qui in manu Dei sunt , in vita , & luce existunt.*

Damasc. lib.  
4. de Fid. c.  
16.

331 Esta consideraçãõ vos deve servir , ó Portuguezes leaes , de *Lenitivos da Dor* ; mitigue a aspereza da vossa magoa , abrande a dureza da vossa pena , o considerar , que sendo tam justa a nossa Rainha , aquella mesma justiça , que parecia devia ser , a que lhe perpetuasse a vida , foi , a que lhe introduzio , & accelerou a morte ; & que quereria Deos tirala de nõs , para a levar para si. Não digo , que não sintais , porque perda tam demasiada não póde deixar de ser sentida ; mas persuadovos , que suavizeis o desfabrido do pranto , & adoceis o amargo do lamento com a piedosa reflexãõ , em que hum fugeito tam recto ,

&

& justificado em a vida hiria para Deos na morte. Quando morreo o Patriarcha Jacob, choráraõ os seus filhos menos, & os EGYPCIOS mais; porque os filhos choráraõ só sete dias em a sua sepultura: *Celebrantes exequias planctu magno impleverunt septem dies; & os EGYPCIOS lamentáraõ setenta dias a sua morte: Fleuitque cum Ægyptus septuaginta diebus.* E pois os estranhos tanto mais, & os filhos tanto menos, que foi o pranto dos filhos o dizimo do lamento dos estranhos; chorando os filhos sete dias, & os estranhos setenta? Sim, responde o Mendonça; porque não consideráraõ os estranhos, o que consideráraõ os filhos: os estranhos não consideráraõ, que Jacob fora para Deos, & choráraõ com mayor excesso a sua morte, porque não fizeraõ reflexaõ, em que melhorára de vida; os filhos consideráraõ, que fora para Deos Jacob, & não foi com tanto excesso activo o seu sentimento na presunção de que o Pay melhorára de vida em a morte; & bastou esta consideração para *Lenitivo* da sua Dor: *Adde ad rem presentem* (diz o Padre) *congruentius, non existimasse filios Jacob, sibi parentem obiisse, qui ad Deum abiisset.* Sirva pois aquelle caso de entaõ, de exemplar para o de agora; hajamonos em a morte desta amorosa Mãy, como se houveraõ aquelles filhos no obito de seu amado pay: sintamos fim, & choremos; mas diminua-se o pranto, & minore-se o sentimento com a consideração de q' hiria para Deos, quando foi de nòs, & que o exito de nòs foi transito para Deos; melhorando a vida na morte, ou tresladando-se da morte para a vida, da morte temporal para a vida eterna: *In vitam æternam.*

Genes. cap.  
50. n. 10.

Ibid. n. 3.

Mendonç.  
in lib. Reg.  
tom. 2. cap.  
1. n. 8.

Genes. cap.  
50. n. 10.

## S E G U N D O

## LENITIVO PARTICULAR.

332 **M**otiva o segundo ay, & o segundo suspiro aos faudosos Lusitanos na morte da sua Rainha o florido da sua idade; & queixaõ-se de que morresse em tam florecente idade, quando ainda lhe esperavaõ muito mais comprida a vida, vendo-a tam florecente. Porèm para mitigar o excesso da sua dor ao parecer tam arrezoadada, se offerece a mais cabal, & a mais efficaz razaõ, para ficar essa dor, senão de todo aliviada, ao menos diminuida. E que razaõ? Será, por se achar nella amigavelmente unido o fermoso, & o flórido, a flor da idade, & a fermosura de flor; & não ser para estranhado o armar-se o rigor da morte contra a idade da flor, & contra a flor da idade; contra a fermosura da vida, & contra a vida da fermosura? Bem podia esta ser muito adequada razaõ; sendo infallivel, & certo, que todo o fermoso he caduco, todo o flórido mortal; & mais mortal, quanto mais flórido; & mais caduco, quanto mais fermoso. Fermoso he o Ceo, & nubla-se; fermosa he a luz, & apaga-se; fermoso o dia, & termina-se; fermosas as Estrellas, & escóndem-se; fermosa a Lua, & eclipsase; finalmente, que cousa ha em o mundo mais fermosa, que o Sol? pergunta o Ecclesiastico: *Quid lucidius Sole?* Elle he o mineral, & a origem da luz; dispêfador das riquezas da terra, distribuidor dos luzimentos

zimentos do Ceo, Mordomo Mòr do Palacio do mundo, Archithesoureiro dos resplendores do Firmamento; Erario fiel dos beneficios de Deos; Cooperador universal para a vida dos homens; medalha de ouro abrazada, em que se vê do Rey supremo magestosamente estampada a imagem mais luzida; Relogio do universo, mudo, mas infallivel, & certo; Avò dos dias, Pay dos mezes, Esposo dos annos, Irmaõ do tempo; & quando se representa pela sua fermosura, ou emulo da eternidade, ou acrédor a hũa eterna vida, que lhe succede? Em hum dia tem o nascimento, & o Occaso: *Et hic deficiet.* Se pois isto se admira na fermosura do Sol, que ha que admirar, de que succeda da mesma maneira á mais luzida fermosura? muita merce lhe faz Deos, & a quem depende della, o emprestarlhe por mais qualquer tempo a vida.

333 Assim he caduco o fermoso, & do mesmo modo he tambem mortal o flórido. Quem vio flor, que se não murchasse? Ou, para dizer melhor, quem vio flor, sem que brevemente a não visse? De manhã viçosa, ao meyo dia enferma, á tarde desmayada, & á noite morta: de manhã no berço, ao meyo dia no leito, á tarde no feretro, & á noite no sepulchro: de manhã alentada, ao meyo dia achaquosa, á tarde amortecida, & á noite enterrada: de manhã mimo, ao meyo dia incendio, á tarde deliquio, & á noite opprobrio; de manhã galanteo da aurora, ao meyo dia emprego dos rayos do Sol, á tarde vituperio das sombras, & á noite estrago das trevoas: de manhã enfeitando-se para apparecer, ao meyo dia dilatando-se para brilhar, á tarde disposta para acabar,

bar, & á noite descomposta por morrer: de manhã vestida de gala, ao meyo dia encalmada de quentura, á tarde depondo o ornato, & á noite totalmente despojada do adorno; sendo, quanto mais mimosa, mais instantanea; quanto mais cortezãa, mais brevemente transitoria; quanto mais cultivada, menos duravel em a vida; & quanto mais urbana, tãto mais fugeita á morte; porq̃ esta differença vai, como notou Theofrasto, entre as flores cultivadas, & as incultas; entre as sylvestres, & as urbanas; entre as do campo, & as da Corte; que, durando todas pouco, as do campo, as sylvestres, & as incultas duraõ mais; as da Corte, as urbanas, & as cultivadas du-

Theophr.  
de caul.  
Plant. lib. 4.  
cap. 1.

raõ menos: *Culta celerius, quàm inculta senescunt, & ad summum urbana, quàm sylvestria.* Sendo pois a nossa Rainha na flor da sua idade hũa flor, que era o mimo, & o agrado da Corte, tam cultivada em o animo, tam urbana em o trato, & finalmente hũa flor, que era a flor das Rainhas, & a Rainha das flores, não havia que esperar largo tempo á sua vida, & assim não he para sentir com tanto extremo a sua morte; muito, & mais que muito foi, que vivesse trinta, & tres annos, quando a vida das flores se clausula em hum

Job cap. 14.  
n. 2.

só dia: *Quasi flos egreditur, & conteritur.*

334 Porèm, sendo isto assim, não he esta a razão, em que funda o meu discurso os *Lenitivos da nossa Dor*; senão outra mais elevada, mais mysteriosa, & mais occulta; porque acho, que era preciso o fatal golpe da sua morte aos trinta, & tres annos de sua em tudo florecente idade. He verdade, que arrebatat hũa vida aos trinta, & tres annos de idade, parece ser violencia intempestiva da morte; porèm pa-



ra hũa Rainha de tal forte justificada em o seu procedimento, que não tinha por seu reynado o reynado deste mundo, a idade de trinta, & tres annos era o seu prefixo termo. Esta differença vai dos annos dos demais homens aos annos de alguns Reys, que os demais homens morrem por destino, & por tributo da fragilidade humana, & alguns Reys por predestino da Providencia Divina: para a morte dos mais concorre Deos com a Providencia commum, para a de alguns Reys com Providencia particular; com o que se para os demais hum dos annos clymaticos he o anno de trinta, & cinco, para alguns Reys o anno de trinta, & tres he o anno mais clymatico. E quaes são semelhantes Reys? São huns Reys sem semelhantes, que tendo em este mundo o seu Reyno, não estimaõ como seu o Reyno, que tem neste mundo.

335 Falla o Profeta Habacuc de Christo Redemptor nosso, & diz, que hade consummar a obra da Redempção, padecendo no meyo dos annos a morte, para restituirnos a vida: *Domine opus tuum in medio annorum vivifica illud.* Assim entende este texto com outros muitos Cornelio. Quaes fossem aquelles annos, em cujo meyo houvesse de morrer Christo, he ponto controvertido entre os Expositores sagrados. Titelmano com não poucos affirma, que aquelles annos são, os de que fallava David, determinando setenta para a humana vida: *Dies annorum nostrorum in ipsis septuaginta anni.* Assim o glossa o meu já conhecido Incognito: *Hic in particulari determinat vitæ præsentis brevitatem, dicens, quòd durat usque ad septuaginta annos; quibus transactis, vita hominis non est, nisi quæ-*

Habacuc c.  
3. n. 2.

Cornel.  
híc.

Tiltelman.

Psal. 89.  
n. 10.

Incognit.  
ad húc loc.

Pfalm. 148.  
n. 6.

Ifai. cap. 53.  
n. 3.

Joann. cap.  
4. n. 15.

Matth. cap.  
27. n. 37.

*dam miseria.* O que supposto, occorre hum difficultoso, & inextricavel reparo. Se os annos da vida são setenta, o meyo desses annos he aos trinta, & cinco: logo, se Christo havia morrer no meyo dos annos, aos trinta, & cinco annos havia de morrer Christo? Assim he; & pois porque não foi assim? Não lie certo, & de Fè, como diz o mesmo David, que os decretos de Deos são infrustraveis, & os seus preceitos impreteriveis: *Præceptum posuit, & non præteribit?* Estando pois decretado o morrer Christo na idade de trinta, & cinco annos, porque, & como morreo na idade de trinta, & tres? Hũa de duas; ou se frustrou o decreto, o que se não póde dizer; ou Christo não satisfez ao preceito, o que se não póde afirmar. Respondo, que satisfez ao preceito, sem se frustrar o decreto; ainda prescindindo daquella opiniaõ dos Theologos, que defendem, que não cahio o preceito sobre a circumstancia do tempo, senão sómente sobre a substancia do acto. Mas como? Direi. Estava determinado, que Christo morresse enfermo: *Virum dolorum, & scientem infirmitatem*, sendo o seu achaque mortal a Magestade de Rey: por isso quando as Turbas o quizeraõ fazer Rey, se retirou para o monte, como fugindo por entaõ áquelle mortal achaque: *Fugit iterum in montem*: como ainda não era occasiaõ de morrer, não era tempo de reynar. Comprehendèraõ-no porèm os inimigos ás mãos; & na Cruz, em que o exaltáraõ para tirarihe a vida, puzeraõ o titulo de Rey por causa da sua morte: *Imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam: Jesus Nazarenus Rex Judæorum*; assignandolhe a Cruz por Throno, os Cravos por Cetro, os Espinhos por Co-

roa ; porèm como o Senhor não estimava como seu o reynado deste mundo : *Regnum meum non est de hoc mundo* ; sendo para elle o throno na realidade Cruz, o Cetro na realidade Cravos, & a Coroa na realidade Espinhos ; inclinando a cabeça, fugio á regalia, & quiz fazer mais patente da sua morte a causa ; como dizendo o Senhor com aquella muda acção : *Quereis conhecer a causa, que me anticipa a morte aos trinta, & tres annos de idade, devendo a minha idade chegar aos trinta, & cinco annos ?* E pois sabei, que não he outra mais, que o titulo de Rey, que tenho sobre a cabeça : como este reynado he do mundo, & eu para o meu apreço não estimo este reynado, esta he a forçosa causa, que me encurta a vida, esta he a enfermidade, que me accelera a morte, fazendome espirar aos trinta, & tres annos de idade. Oh prodigioso Rey ! Mas proporcionalmente falando, oh admiravel Rainha ! Se tanto vos applicastes a seguir os seus passos em a vida, não he muito, que o imitasseis nesta circumstancia da morte, finalizando vos, como a elle, a morte aos trinta, & tres annos da idade a vida. Sirva pois esta semelhança de *Lenitivo* á nossa pena : consideremos, que foi anno clymaterico para a nossa Rainha o anno de trinta, & tres, que para hum Rey, como Christo, tambem foi anno clymaterico ; & suavize-se a nossa dor com a consideração, de que foi a sua morte disposição particular da Providencia de Deos, empenhado por seus occultos juizos, em que á nossa Rainha se lhe terminasse a vida com a gloria de hũa tam regiamente soberana semelhança.

336 Não foi porèm só a causa da brevidade da

fua vida, a particular disposiçãõ da Providencia de Deos; senão que tambem ella mesma subministrou para a brevidade de sua vida a mais gloriosa causa. Era a nossa Rainha tal, como já temos ponderado, que não satisfeita de applicar todo o cuidado, & vigilancia, para haver de evitar em si os peccados proprios, sentia com tanto extremo, que Deos fosse offendido ainda com as culpas alheas, que eraõ as offensas de Deos a sua mayor consumiçãõ, sendo para a sua alma mortal deliquio, considerar a Deos offendido com hum, ainda que alheyo, mortal peccado: & á vista de hum zelo tam ardente, & fervoroso, não he para sentir, que vivesse tam pouco, he muito para estimar, que vivesse tanto, sendo a dilaçãõ da vida antes, a que tempere o sentimento da morte, que pareceo intempestiva depois: já morreo velha, morrendo ainda tam moça; teve a velhice na mocidade, porque o ardor de tanto zelo lhe converteo a mocidade em velhice; finalmente não morreo, tendo de idade poucos annos, senão com muitos annos de idade.

337 He muito para reparar em encarecer a Escritura a muita idade de David, dizendo, que havia envelhecido, & tinha mais que muitos annos de idade: *Et Rex David senuerat, habebatque ætatis plurimos dies*; & que não só tinha envelhecido, senão envelhecido mais que muito: *Rex autem senuerat nimis*; sendo assim, que feito computo aos annos da sua idade, diz S. Jeronymo, que tinha de idade setenta annos: *David annos natus septuaginta*. Se fora em estes tempos, em que são mais curtas as vidas, não me causára reparo semelhante encarecimento; sendo que ainda neste

3. Reg. cap.  
1. n. 1.

Ibid. n. 15.

Jeronym.  
ad Nepot.

nesto

neste tempo hum homem de setenta annos, não he  
 para encarecer de demasiadamente velho; porèm na  
 quelle tempo, em que as vidas eraõ muito mais dila-  
 tadas, como se encarece tanto a velhice de David? E  
 como se exagera, que os dias da sua idade eraõ em  
 superlativo mais que muitos, tendo setenta annos  
 de idade? Se lermos o livro do Genesis, acharemos Gen. cap. 5.  
 que viveo novecentos, & trinta annos Adaõ; Seth,  
 novecentos, & doze; Ends, novecentos, & cinco;  
 Cainan, novecentos, & dez; Malalael, oitocentos,  
 & noventa, & cinco; Jared, novecentos, & sessen-  
 ta, & dous; Matusalem, novecentos, & sessenta, &  
 nove; Lamech, setecentos, & setenta, & sete; &  
 com tudo não se exageraõ de muitos, nem os sete-  
 centos, & setenta, & sete de Lamech; nem os novecẽ-  
 tos, & sessenta, & nove de Matusalem; nem os no-  
 vecentos, & sessenta, & dous de Jared; nem os oito-  
 centos, & noventa, & cinco de Malalael; nem os  
 novecentos, & dez de Cainan; nem os novecen-  
 tos, & cinco de Ends; nem os novecentos, & do-  
 ze de Seth; nem os novecentos, & trinta de Adaõ;  
 & vivendo David setenta, encarecem-se de mais que  
 muitos os setenta de David, dizendo-se não só, que  
 era velho, senão velho com demasia: *Senuerat nimis?*  
 Sim; que David não só era Rey, mas era hum tal  
 Rey David, que aborrecia com tanto extremo, & se  
 angustiava com tanto excessõ, não só dos peccados  
 proprios, senão ainda dos alheyos, que se consumia  
 com os alheyos peccados: *Vidi prævaricantes, & ta-* Pfalm. 118.  
n. 158.  
*bescebam;* desmayando-se a sua alma, ao considerar,  
 que alguns homens não observavaõ a ley de Deos:  
*Defectio tenuit me pro peccatoribus derelinquentibus legem* Ibid. n. 53.  
*tuam:*

tuam; & como David era hum tal Rey, os annos, que em comparaçãõ de outros não eraõ muitos, eraõ para elle mais q̃ muitos annos: *Senuerat, habebatque ætatis plurimos dies*: já era David demasiadamente velho na idade, em que alguns ainda eraõ muito moços: como se lhe anticipou a velhice em a mocidade, setenta annos, eraõ nimia, & demasiada velhice: finalmente, como começou a ser velho desde moço, aos setenta annos era já demasiadamente velho: *Et Rex senuerat nimis*. Fazendo agora geometrico argumento daquelle Rey para a nossa Rainha, digo da nossa Rainha parte do que o sagrado Texto refere daquelle Rey: não digo, que quando morreo, era velha com demasia; mas affirmo, que já era velha, morrendo ainda tam moça; tendo a velhice na mocidade, porque o zelo da honra de Deos lhe anticipou na mocidade a velhice: aquelle ardor, que fazia, com que os peccados alheyos fossem a sua consumiçãõ, a fez, com que tendo de idade tam poucos annos, morresse já com muitos annos de idade.

338 A Demais de que não se póde verificar, que fosse breve a sua vida, porque a sua perfeiçãõ, & a sua honestidade fez, com que não se verifique, que foi a sua vida breve: ou, porque, como disse o Seneca, quando hũa vida he perfeita, não se deve affirmar, que não seja vida acabada, por ser certo, que quem vive bem, em nenhum tempo lhe he intempestiva a morte, porque em qualquer que morra, tem consummada toda a vida: *Vita non est imperfecta, si honesta est: ubicumque desinis, si benè desinis, tota est*: ou, porque, como observou Pinto sobre Ezechiel, a morte para nenhum justo se póde dizer fóra de tempo,

po, porque a honestidade, & inteireza da vida lhe transforma, & lhe converte o verdor da mocidade em madureza da velhice: *Mors immatura viro justo numquam accidit, nam integritas vitæ ipsam adolescentiam in senectutem convertit*; sendo já tempo maduro para se colherem os fructos, o mesmo tempo, que he verde, para germinarem as flores: *Flores mei, fructus*; com o que por mais que na nossa Rainha estivesse em flor a vida, por estar na flor da idade, a sua muita honestidade, & a sua rara perfeição a tinhaõ feito fructo maduro, para a colher a morte; & assim não ha motivo, para nos queixarmos com excesso magoados, & resentidos, de que a colheffe a morte ainda na flor da idade; porque, como advertio o Sabio Cordovez oriundo de Portugal, como a tardança da morte não faz boa, senão dilatada a vida, nada importa, & nada conduz para a felicidade, o prolongarem-se os dias da morte: *Ut prolongentur dies mortis, nihil proficit ad felicitatem: quoniam mora non fit beatior vita, sed longa*: antes o mesmo, que parece infelicidade nossa, foi felicidade sua; porque não fora a sua morte tam gloriosamente feliz, se não fosse na mocidade a sua morte.

Pint. in Ezech. cap. 26.

Eccles. 24. n. 23.

Senec. lib. 5. de benef. cap. 17.

339 Diz hum Padre muito douto, ao qual bastava o cognome, para ser de mim venerado por douto Padre, que os Egepcios, para explicar o genero mais infeliz, & miseravel da morte, pintavaõ a hũa Aguia perecendo na velhice: & sendo a nossa Rainha Aguia Imperial, não era razão, que morresse esta Aguia na velhice, para que se não reputasse por infeliz a sua morte. Duas illustres semelhanças teve a nossa Rainha; foi Ave juntamente, & Arvore: como

Magalhães, in Cant. lib. 3. sect. 3. n. 30.

como Ave, foi Aguia Imperial, no nascimento, & no voo; como Arvore, foi pomposa em os ramos, & fecunda em os fructos: como Aguia Imperial, não morreo envelhecida; porque nos Reaes Filhos, que deixou, se remontou ao Ceo como Aguia renovada: como Arvore, não foi arvore arrancada pela raiz, se não cortada em o tronco; & nos garfos, que deixou, pomposamente reverdeceo, subministrandonos em a morte a mayor consolação.

340 Isto quizeraõ insinuar aquelles dous jero-  
glicos, que para a consolação dos vassallos pintou o zelo mais discreto na morte de Philippe IV. Em hum se via a mão da morte cortando com a sua fouce hũa coroada arvore, confervando-se o seu tronco cõ dous garfos coroados; em cima esta inscripção: *Lignum habet spem: & si præcisum fuerit, rami ejus pullulant;* & ao pè esta letra:

Exeq. de  
Philippe IV.

*Que importará tu rigor,  
Si aunque la rama cortaste,  
Los renuebos nos dexaste?*

Em outro via-se hũa Aguia, elevando-se em o voo, & olhando para o filho, que deixava em o ninho, com esta inscripção em cima: *Renovabitur, ut Aquila;* & esta letra ao pè:

*En esse renuebo mio  
( Que está presente a mi buelo )  
Le queda al mundo el consuelo.*

341 Deixando pois a nossa fecunda Arvore, & a nossa Imperial Aguia, em taes, & em tantos Filhos multiplicados motivos para a consolação de seus amantes vassallos; impacientarem-se os seus vassallos com a intolerabilidade da dor, será desatenção culpavel



culpavel á sua consolação: firva pois esta consolação de *Lenitivo* efficaz para a nossa dor; confidemos, que a morte da nossa amada Rainha não foi tanto fragilidade da natureza humana, quanto disposição particular da Providencia Divina, que ordenou, que fosse anno clymaterico para a sua vida, o que era de trinta, & tres para a sua idade: que não teve por instrumento a inhumanidade da morte, senão por poderoso comprincipio a sua muita virtude, que convertendolhe a mocidade em velhice, lhe anticipou a velhice na mocidade: que foi a sua vida acabada, porque foi cabalmente perfeita, resumindo-se os tempos da vida toda nos poucos annos de sua curta vida: que foi felicidade para ella o mesmo, que pareceo ser infelicidade para nós: finalmente, que como Arvore fecunda, & como Aguia Imperial, nos deixou a consolação nos mais soberanos garfos, & esclarecidos Filhos; renovando-se a sua mocidade, ao elevar-se, em os Filhos: *Renovabitur, ut Aquila, juventus tua*; & reverdecendo a sua loçania, ao cortar-se, em os garfos: *Lignum habet spem: & si precisum fuerit, rursus virescit, & rami ejus pullulant.*

Psalm. 102.  
n. 5.

Job cap. 14.  
n. 7.



# TERCEIRO

## LENITIVO PARTICULAR.

342



Otiva o terceiro ay , ou o terceiro suspiro aos íaudosos Lusitanos na morte da sua Rainha , a brevidade do tempo , em q̄ logrou a Coroa; & queixaõ-se, de que morresse com taõ poucos annos de Rainha, porque a presumiaõ , & desejavaõ Rainha por mais dilatados annos. Porèm considerado bem o tempo da sua duraçaõ , mais he para gratificar o haver vivido tanto , que para sentir com excesso o haver reynado tam pouco. Doze annos de reynar , foi dilatado viver , pela grande antipatia , com que se oppoem entre si, o viver , & o reynar. Diz o Apostolo Saõ Paulo, que reynou a morte delde Adaõ : *Regnavit mors ab Adam.* Foi Adaõ o primeiro Rey , que presidiu em o mundo , & desde o seu dominio se principiou á morte o seu imperio; elle Rey, & a morte Rainha; a morte Rainha, tendo por vassallo a hum Rey; Adaõ Rey juntamente , & vassallo ; Rey de tudo o demais , que se animava com vida , porèm vassallo da morte. Os mesmos Magos , que buscáraõ como Rey a Christo : *Ubi est , qui natus est Rex ?* nos dons , que lhe offertáraõ em reconhecimento da regalia , lhe conhecèraõ a mortalidade ; offerecendolhe dos seus thesouros o ouro , como a Rey : *In auro , ut ostendatur Regis potentia* , & a myrrha como a mortal : *In myrrha Dominicam sepulturam* ; como se aquelle Astro , que

Roman. c.  
5. n. 14.

Matth. cap.  
2. n. 2.

Ecclef. in  
fest. Epiph.

que foi Estrella, que lhe prenunciou a vida: *Stellam ejus*, fosse Cometa fatal, que lhe prefagiou a morte.

343 He o Lirio o Rey das flores, porque a mesma natureza, que lhe deu o ser de flor, o adornou com as insignias de Rey: nasce com throno, & com cetro; ao pè com throno de esmeraldas, em si com cetro de ouro: ao pè com throno de esmeraldas no verde, em que firma o pè; em si com cetro de ouro na varinha amarela, que inclue em si: porèm, como notou Plinio, nasce com o pescoço languido, inclinando a cabeça para a terra, como não podendo sustentar o pezo, que tem na cabeça: *Languido collo est: impar capitis oneri*; buscando com a inclinação desde o nascimento a terra, de que teve principio: antes logo desde nascido apparece amortalhado, sendo o roçagante candor, de que se veste por purpura, não purpura pelo encarnado, senão mortalha pelo branco.

Plin. histor. natural.

344 Explicando a Glossa de Lyra aquellas palavras de Job: *Homo in cinerem revertetur*, diz, que era costume antigo na criação dos Emperadores, logo que tinhaõ o Imperio, perguntar-lhe de que pedra queriaõ se lhe lavrasse, & construisse o sepulchro: *Antiquitus, imperatore creato, statim quærebatur ab eo, quo marmore vellet sepulchrum habere.* Era o caso, como refere Paradino, que tanto que se creava o novo Emperador, se presentava diante d'elle com diversidade de pedras algum Esculptor insigne, o qual lhe dizia em alta voz, que declarasse o marmore, de que fazia escolha para a sua sepultura:

Job cap. 35. n. 15.

Lyran.

Cel. Parad.

*Elige ab his saxis, ex quo, Augustissime Cæsar, Ipse tibi tumulum me fabricare velis.*

O mesmo era exaltado ao folio, que dispôlos para o tumulo; o mesmo subilos ao throno, que preparalhes o sepulchro: ou para lhes recordar a mortalidade do ser; ou para lhes advertir, que o mesmo vinha a ser, ter por vassallos aos outros, que ficar da morte vassallos: como se fossem os Reys duplicadamente mortaes; mortaes por homens, & mortaes por Reys; & ainda mais mortaes pela potencia de Reys, que pela imbecillidade de homens: com a imbecillidade de homens podiaõ ter a vida mais dilatada; com a potencia de Reys tem certamente breve a vida; disse-o o Espirito Santo: *Omnis potentatus brevis vita.*

Ecclef. cap.  
10. n. 11.

345 E quanto dura a vida dos Reys? O mesmo Espirito Santo não lhes assigna mais que hum dia de prazo: *Rex hodie est, & cras morietur*: hoje ricamente vestido, á manhã pobremente amortalhado; hoje com soberba purpura, á manhã com humilde mortalha; hoje no throno, á manhã no tumulo; hoje com Coroa, & Cetro hum corpo vivo, á manhã sem Cetro, & Coroa hũ cadaver morto; hoje no theatro da vaidade, á manhã no amphitheatro do defengano; hoje luzido no folio, á manhã asqueroso no sepulchro; hoje assombro dos homens, á manhã pabulo dos bichos; hoje tudo loçania, á manhã tudo podridaõ. Disse-o S. Pedro Damiaõ com mais elegancia no Latim, que eu em o Portuguez: *Porro autem qui hodie induitur purpura, cras clauditur in sepulchro; hodie, qui hominibus dominatur, cras à vermibus, factus putredo, corroditur: hodie regalibus infulis redimitus, cras vilibus panniculis exanime cadaver obvolvitur: hodie splendet coronatus in regalis excellentiae folio, cras foetet marcidus in sepulchro*

Ibid. n. 12.

Petr. Dam.  
epist. 7. ad  
Agn.

*Jepulchro.* Por isso antigamente os Reys se ungião, quando se coroavaõ; no mesmo acto, em que se lhes impunha a Coroa; se lhes conferia a unção; sendo o mesmo, ser Rey coroado, que Rey ungido; coroado para reynar, & ungido para morrer.

346 Não são os Reys só homens mortaes, como de si dizia Salamaõ: *Mortalis homo*; senão que sendo mortaes por homens, são moribundos por Reys; huns viventes agonizantes, não lhes servindo a Coroa da vida mais que de angustias da morte; porque adonde a nossa Vulgata lê, que Saul visinho á morte declarou a sua angustia: *Quoniam tenent me angustia*, treslada a Versaõ Tigurina, que o apprehendendo a Coroa: *Apprehendit me Corona*: achou Saul, que a Coroa da vida era, a que o opprimia com as angustias da morte; & achou bem, porque se fora Pastor, como era antes, & não Rey, como foi depois, não chegára a lamentar-se nos apertos daquella morte, & póde ser, se lhe extendesse mais largamente a vida. São os Reys symbolizados na espuma, como o predisse Oseas fallando do Rey de Samaria: *Transire fecit Samaria quasi spumam Regem suum*. Já assignei outra razaõ para esta allegoria; agora digo, que são como a espuma os Reys, porque a duraçaõ dos Reys, he como a da espuma: a espuma apenas se faz, quando logo se desfaz; apenas se levanta, quando logo se abate: o Rey apenas feito, quando logo desfeito; apenas levantado á soberania da magestade, quando logo abatido pela humildade da morte. He o Sol Monarcha das luzes, & no mesmo dia se vê nascido, levantado, & morto; nascido no berço do Oriente, levantado ao throno do Zenith, morto no tumu-

Sap. cap. 7.  
n. 1.

2. Reg. cap.  
1. n. 9.  
Tigurin.

Osee cap.  
10. n. 7.

lo do Occaso, como notou o Garau:

Garau max.  
40.

*Monarcha de luzeros Magestoso*

*En Imperios celestes el Sol nasce;*

*Y apenas nasce Sol, ya sombra yaze,*

*Por mas que Rey celeste, y luminoso.*

347 Que hallucinados que vivem aquelles Reys, que fantasiaõ presumidos, & que presumem fantasticos, que a Coroa, com que se adornaõ, he hum Real privilegio, que lhes perpetua a vida, & hum seguro Real, que os defende da morte; sendo tanto pelo contrario, que he hua mesma acção, o dar-lhes a Coroa para a gloria, que o tirar-lhes com a mayor pena, perdendo em o mesmo acto a vida, & a Coroa. Falla o Profeta Jeremias da Coroa de Moab; & he muito para advertir, que adonde a nossa Vulgata tem: *Dailhe a flor: Date florem Moab;* verte a lição Chaldaica: *Tirailhe a Coroa: Auferte Coronam Moab.* Não reparo em ser hua mesma cousa a Coroa, & a flor, porque conheço, que pela brevidade da vida he como a flor a Coroa; noto fim a incompatibilidade daquelles discordes termos: *Dai, & tirai: Date, auferte;* dailhe a flor: *Date florem,* & tirailhe a Coroa: *Auferte Coronam.* E como hua mesma acção póde ser, dar, & tirar? Ainda mal, que tanto póde ser, & que tanto he: como a flor era a Coroa, & a Coroa a flor, o mesmo era dar-lha, que tirar-lha; porque quem conhece á Coroa a flor, sabe que vem a ser o mesmo, dar a Coroa na flor, que tirar na flor, ou em flor a Coroa.

Jerem. cap.  
48. n. 9.  
Chaldaic.

348 Em summa, Rey, & vivo parece não póde ser, porque he infociavel o viver, & o reynar. Sobio Christo á Cruz, & havendo de entregar o espirito

nas

nas mãos do Eterno Pay, inclinando a cabeça entregou ao Eterno Pay o espirito: *Inclinato capite tradidit Spiritum*. Muitas razões se tem dado sobre esta inclinação; que sempre as inclinações dos Principes, & dos Reys, foraõ motivo a se darem muitas razões. Sigo agora a opiniaõ, & o parecer daquelles, que dizem, que a inclinação foi hum mudo fim, que o Senhor deu ao titulo de Rey, que lhe puzeraõ sobre a Cruz: *Iesus Nazarenus Rex*. Supposto pois, que o inclinar a cabeça, foi aceitar a Coroa, o mesmo foi no Senhor, o aceitar a Coroa, que entregar nas mãos da morte a vida: *Tradidit Spiritum*: aceitou, & entregou Christo com hũa propria acção; aceitou o reynado, & entregou o Espirito; recebeu a regalia, & exhalou a alma: viveo antes de aceitar o titulo; morreo, tanto que o aceitou; para que nos enganemos, que Rey, & vivo parece não póde ser; pois ainda ao mesmo Christo não o vio o mundo vivo, tanto que o vio Rey. He verdade, que ordinariamente não procede com os Reys a providencia de Deos com tam rigorosa exacção, dilatandolhes a vida por algum tempo para a conservaçaõ, & bom governo do mundo; mas isso he dispensaçãõ, que faz na natural antipatia, q̃ tem com a vida a Coroa.

349 Supposta pois a opposiçaõ natural, que tem com a Coroa a vida, não tem o nosso sentimento que romper em grande excesso na morte da nossa Rainha, por se clausular em doze annos o tempo da sua Coroa; antes sim deve coarctar-se o excesso do sentimento com a devida reflexãõ no inestimavel favor, que Deos fez a ella, & a nòs, & ainda a nòs mais que a ella, em lhe dilatar por doze annos com  
a Coroa

Joann. cap.  
19. n. 30.

D. Bonav.  
apud Syl-  
ver.

Bonhor.  
in Diction.

Isaac A.  
1. n. 21

1. n. 21

a Coroa a vida. Em os doze annos, que reynou, & que reynando viveo, viveo o mais, que podia viver, & reynou o mais, que podia reynar: naquelles doze annos sós lhe resumio, & somou Deos todo o numero dos annos, ou o numero dos annos todos; porque o numero de doze, não só he, como obfervou com S. Boaventura o Sylveira, perfeito, & abundante: *Duodenarius numerus est abundans, & perfectus*; senão que, como notou o Berchorio, he hum numero, que tudo em si comprehende, por ser numero de universalidade: *Numerus duodenarius universalitatem designat*. Empenhou-se, parece, Deos em fazer a nossa Rainha, não só grande em a terra, senão grande para o Ceo: para a fazer grande no Ceo, terminoulhe em doze annos o tempo da regalia; para a fazer grande na terra, clausulou a sua vida em trinta, & tres annos de idade, & doze annos de Coroa. Olhemos, como he bem, primeiro para o Ceo, & logo abateremos o pensamento á terra.

350 Vio o Euangelista no Ceo aquella mulher prodigiosa, tam brilhantemente adornada, que lhe servia a Lua de peanha, o Sol de gala, & as Estrellas de Coroa: *Signum magnum apparuit in caelo, mulier amicta Sole, Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona Stellarum duodecim*. E he muito de notar para o nosso intento, o que daquella mulher refere o Chronista sagrado. Diz, que paríra hum Filho, que nasceo Principe destinado para o governo do Reyno, que foi logo arrebatado para Deos, & para o seu throno: *Peperit filium masculum, qui rectorus erat omnes gentes.... Et raptus est filius ejus ad Deum, & thronum ejus*. Depois da morte do filho, diz, que se foi para hum deserto, ou

húa

D. Bonav.  
apud Syl-  
veir.

Berchor.  
in Diction.

Apocal. c.  
12. n. 1.

Ibid. n. 5.



hũa solidão a Mãy: *Mulier fugit in solitudinem; & finalmente, q̄ com duas azas de Aguia voou para o deserto da solidão, ou para a solidão de hum deserto: Et datae sunt mulieri alae duae Aquilae magnae, ut volaret in desertum.* Se consultarmos ao sagrado Texto, para q̄ creou Deos os Astros? dirnosha, q̄ para final dos annos: *Ut sint signa in tempora, & dies, & annos.* E se perguntarmos a Pineda, de que servem aos Reys as solidões, & os desertos? Respondernosha, que de sepulchros; que assim interpretou elle aquellas palavras de Job: *Cum Regibus, & Consulibus terrae, qui aedificant sibi solitudines. Sed illud verius existimo, diz o Padre, ut solitudines ad sepulchra, & monumenta pertineant.* O que supposto, era aquella mulher o mais evidente emblema de hũa preclara Rainha, não só por ser Mãy de hum Principe, senão porque appareceo brilhantemente luzida, & luzidamente coroada: com o que sendo os Astros final, ou regulativo, ou demonstrativo dos annos, & sendo para os Reys sepulchros as solidões; compondoselhe áquella mulher a Coroa de doze Estrellas, & voando com azas de Aguia para hũa solidão, vinha a ser enigmatico, & mysterioso prototypo de hũa Rainha, a quem Deos determinava na Coroa de doze Astros doze annos de Coroa; findos os quaes havia voar para a solidão da sepultura. Porém de qual, senão da nossa Rainha, foi aquella mulher emblema? Arrebatoulhe Deos para si, & para o seu throno o Principe D. João, que foi o seu primeiro Filho, em tam limitados dias, que não podemos duvidar, de que o levou para si Deos. Taxou á sua Coroa doze annos de duração, que foraõ doze Estrellas muito mais para a nossa dita, que para a sua

Ibid. n. 6.

Genes. cap. 1. n. 14.

Job cap. 3. n. 14.

Pined. in hunc loc.

datam .i. Machab. 3. n. 1. q̄to

fortuna: & como Aguia grande, porque Aguia Imperial, mais com as azas das nossas penas, que com as pennas de suas azas, voou para o deserto, & solidão do sepulchro. E pois que temos que sentir, quando só temos que admirar, que a quiz Deos constituir tam grande para o Ceo, como aquella mulher, que appareceo no Ceo com o titulo de grande: *Signum magnum apparuit in caelo?*

Destá sorte determinou Deos á nossa suspirada Rainha doze annos de regalia, para a constituir grande em ordem ao Ceo; & assim lhe clausulou o espaço da sua vida em trinta, & tres annos de idade, & doze annos de Coroa, para a fazer grande em a terra. Aquelle morgado da fama, a cujas glorias foi curto espaço o mundo todo, & limitado applauso tantos theatros, tantos Colossos, tantos Obeliscos, tantas pyramides, & tantos arcos; a cujo coração pequena parte as tres partes do Vniverso, a Asia, a Africa, & a Europa; a quem se prostravaõ humildes, & inclinavaõ reverentes os Senhores, & os Principes, fugeitando-se ao seu dominio, & avassallando-se ao seu Imperio, a Tracia, a Espanha, a Bretanha, a Grecia, a Theffalia, a Arcadia, & o Egypto, que foi tam grande em a terra, que se levantou a maiores com o titulo de Grande; Alexandre digo, de quem refere a Escritura, que fez com a sua grandeza emmudecer toda a terra: *Siluit terra in conspectu ejus*; no circulo de quantos annos se lhe clausulou a idade, & terminou a regalia? A idade, em trinta, & tres; & a regalia, em doze; porque só doze annos reynou, como declara o Texto: *Regnavit Alexander annis duodecim, & mortuus est*; & só trinta, & tres annos viveo, como

1. Machab.  
cap. 1. n. 3.

como affirma Eusebio: *Anno etatis trigesimo tertio.* Se pois aquelle Rey, que na terra logrou a mayor grandeza, não teve mais que doze annos de Coroa, & trinta, & tres de idade; logrando a nossa Rainha trinta, & tres annos de idade, & doze annos de Coroa; que havemos de dizer, senão que quiz Deos, que fosse na terra a nossa Rainha gloriosa emulação daquelle famoso Rey; & nivelando-se a grandeza de hũa pela grandeza de outro, a antonomasia de Grande, que se deu áquelle Rey, ainda com mayor razão se attribuisse a esta Rainha? Digo, com mayor razão; porque em aquelle Rey foi a Coroa hũa só, que foi a Coroa temporal; porém na nossa Rainha, como piedosamente cremos, foi duplicada a Coroa; hũa temporal em a terra, & outra eterna em o Ceo.

352 Naquelle mesa, que Deos mandou fabricar a Moysés, ordenou, que se puzesse hũa Coroa em cima de outra: *Et ipsi labio Coronam in terra filem; & super illam alteram Coronam.* De modo que em tal fórma estavaõ as Coroas naquella mesa, que o fim de hũa, era principio de outra; o fim da de baixo, principio da de cima. E o que Deos mandou a Moysés fizesse em aquella mesa, creõ a nossa piedade fez elle á nossa Rainha: pozlhe hũa Coroa sobre outra, sobre a da terra, a do Ceo, sobre a temporal, a eterna, começando a eterna, donde acabou a temporal, porque a quiz fazer grande em o Ceo, & em a terra; & para este fim lhe terminou, & determinou a vida em trinta, & tres annos de idade, & doze annos de Coroa; verificando-se desta grande Alexandra, o que se diz de Alexandre Grande: *Regnavit annis duodecim, & mortuus est: anno etatis trigesimo tertio.*

Euseb. apud  
Cornel. híc.

Exod. cap.  
25. n. 25.

Euc. d. 11.  
Corn. 11.Psalm. 103.  
n. 19.D. Gregor.  
homil. 15.

353 Assim o conheceo ella mesma ; pois para fer Sol em tudo, atè o foi em conhecer o seu occaso : *Sol cognovit occasum suum.* Advertindo na grandeza, que lograva pela Coroa da terra, & aspirando a lograr outra grandeza mayor em a Coroa do Ceo, prenuncia da sua morte, & presaga do seu fim, entendendo, que não podiaõ dilatar-se mais os annos da sua idade, & os annos da sua Coroa, disse a muitas pessoas, que não havia exceder o termo da sua vida deste anno, que vinha a fer o de doze da sua Coroa, & o de trinta, & tres para a sua idade; & assim recebeu a morte, como quem a esperava, & não a sobrefaltou, como quem a previa; ferindo aquella lança mortal, a nós mais, & a ella menos; a nós mais, que a não tinhamos premeditado; a ella menos, que a tinha previsto; porque, como affirmou S. Gregorio o Magno, as lanças, que se prevem, ferem menos: *Minus enim feriunt jacula, quæ prævidentur.* Porém ainda que em nós fosse mayor a ferida, nem por isso a nossa dor deve ser demasiada; suppondo, que a quiz Deos levar para si em tal anno, para lhe acreditar a grandeza, & duplicar a Coroa; fazendo a grande em o Ceo, depois de grande em a terra; & conferindolhe sobre a Coroa da terra outra Coroa em o Ceo: *Super illam alteram Coronam.*

354 E se assim deve ser *Lenitivo da nossa Dor* a circunstantia do anno, em que finalizou a vida; da mesma forte o devem fer todas as mais circunstantias da sua morte: são estas, a circunstantia do tempo, a circunstantia do mez, a circunstantia do dia, & a circunstantia da hora: o tempo, foi o do Estio; o mez, foi o de Agosto; o dia, foi o de quatro; a hora,

ra, foi no fim da tarde: & por mais que todas estas  
pareçaõ circumstancias aggravantes da nossa pena,  
não as devemos confessar por taes para a nossa ma-  
goa; porque por mais que motivem lastimas ao sen-  
sitivo, occasionaõ consolações ao racional: vejamo-  
lo, discorrendo com brevidade por todas.

A primeira circumstancia acrèdora ao senti-  
mento, he a circumstancia do tempo, que foi o tem-  
po do Estio; & he motivo da dor, que morresse em  
hum tal tempo; porque sendo este improprio, figu-  
ra-se o haver sido a sua morte castigo. Era a nossa  
Rainha Sol juntamente, & flor; como flor, parece  
a sua morte em hum tal tempo castigo; porque co-  
mo Sol foi o tal tempo para o seu apartamento im-  
proprio. He certo, que no Estio está o Sol mais visi-  
vel a nòs; & pois como se apartou de nòs em o Es-  
tio o Sol? Para castigar a soberba de alguns de Is-  
rael, os ameaçou assim Deos: *Vae Corona superbia, &*  
*fiori decidenti*: Ay da Coroa da soberba, & da flor, que  
cahe! dandolhes a entender, que havia a sua Coroa  
cahir, assim como cahe a flor. E qual veyo a ser o ca-  
stigo, que assignou Deos áquella Coroa? E qual o  
tempo, que destinou para a queda daquella flor? O  
castigo, que assignou para aquella Coroa, foi, o ser  
pizada aos pès: *Pedibus conculcabitur Corona*; & o tem-  
po, que destinou para a queda da flor, foi, o antes  
do Outono, que he o mesmo, que o do Estio: *Erit*  
*flos decedens... ante maturitatem Autumni*. Se pois o cahir  
a flor em o tempo do Estio foi castigo de hũa Coroa,  
que reverdecia como flor; cahindo em o Estio esta  
flor, que era a Coroa do Reyno de Portugal, quem  
se não hade doer, & quem se não hade magoar, en-  
tendendo

Isai. cap. 28.  
n. 1.

Isai. cap. 28.  
n. 4.

tendendo que hũa tal quèda ; foi castigo fulminado á Coroa , & á flor ? Assim parece , que foi ; mas não foi assim , como parece : porque se o advertimos bem , acharemos , que o tempo , nem foi improprio para o apartamento do Sol , nem para a quèda da flor : não foi improprio para o apartamento do Sol ; porque se o Sol ao mesmo passo , que se aparta do nosso Emisferio , se aproxima ao outro ; devemos considerar , que o nosso Sol , se se apartou naquelle tempo de nós , foi , para se aproximar mais intimamente a Deos ; succedendo a este Sol da terra , o que ao Sol do Ceo ; porque se o Sol do Ceo tendo em Julho o Solsticio , em Agosto já se ausenta , & elonga para outro Tropo ; não foi improprio ao nosso Sol da terra , elongar-se , & apartar-se para outro Tropo pela morte em Agosto , havendo tido pela enfermidade o Solsticio em Julho. E se o tempo do Estio não foi improprio para o seu apartamento , em quanto Sol ; tambem de nenhũa forte se deve attribuir a castigo , o ser em semelhante tempo a sua quèda em quanto flor : porque a nossa Rainha não foi flor , como outra qualquer ; era sim flor , como a Rosa , q' he a Rainha das flores ; & esta para espirar , nem espera pelo Inverno , nem espera pelo Outono ; espira em o Veraõ , & acaba no Estio , como cantou o Esquilache fallando com hũa Rosa :

Esquil. Sonet. 47.

*Detente , aguarda presumida Rosa ,*

*Y en la piedad de Mayo no confies ,*

*Porque essas hojas , donde agora ries ,*

*En el seran tu perdicion hermosa.*

*Ni es bien , que tu belleza generosa*

*Burlada , y libre a su lisonja fies ;*

*Y a fuerça de ambicion romper confies  
El defendido seno, en que repozã.*

*No te valdrã despues tu armado muro:*

*Porque domina igual el tiempo cano  
Al claro Estio, & al Imbierno obscuro.*

*Y el verdor mas luzido, y mas ufano,*

*Quando pensó, que estava mas seguro,*

*Huyó al Imbierno, y le abrasó el Verano.*

Demais de que, se a nossa singularissima Rainha foi, como temos mostrado, por tantos titulos grande; era, parece, pensaõ annexa á sua grandeza, & tributo avinculado á sua soberania, se no Estio nasceo, morrer tambem em o Estio; porque ordinariamente aquelles sublimes sugeitos, & aquelles illustres Principes, que se levantaõ a maiores com o titulo de grandes, não sei porque occulto segredo, costumaõ ter o occaso em aquelle mesmo tempo, em que tiveraõ o nascimento: vio-se assim em muitos, & com mais propriedade em Constantino o Grande, que nascendo em a Primavera, morreo em a Primavera; na mesma Estaçaõ do anno, em que foi flor para a vida, foi depois fruto para a morte. E se aquelle Emperador, q̃ tanto se elevou, & sobrefahio na grandeza, morreo em a Primavera, nascendo em a Primavera; não he para estranhar com excesso de sentimento, que hũa Rainha, que na grandeza sobrefahio, & se elevou tanto, nascendo em o Estio, morresse em o Estio; achando para a vida o fim na mesma Estaçaõ do anno, em que teve o principio.

356 A segunda circumstancia, que póde provocar a lastima na morte da nossa Rainha, he a circumstancia do mez; pois sendo este o de Agosto, foi este

para

para o nosso desgosto o mais infeliz, & infausto; ou porque, como disse hum discreto, nos levou o gosto, & deixou o A, nos ays de que foi origem, & nos suspiros, de que foi causa; ou porque para o nosso sentimento, sem deixar nada, nos levou tudo; levou-nos o A, & levou-nos o gosto; o A na representação, o gosto na realidade; porque a nossa amada Rainha, tendo para nós a realidade do gosto, teve pelo seu estado a representação do A. Tanto no Alfabeto Hebraico, quanto no Grego, & no Latino, he o A a Princeza das letras, & como tal occupa o primeiro lugar entre todas: *A, litterarum Princeps*, disse o Berchorio; com o que veyo a fer para nós tam infausto o mez de Agosto, q' logo no seu principio chegou para nós ao fim; acabando-se para nós em a nossa amada Rainha totalmente o Agosto; o A na representação, o gosto na realidade. Tinha sido aquelle mez, o mez do seu nascimento, & o mez da consummação de seu feliz Desposorio: & que o proprio mez, que lhe ministrou o berço, lhe subministrasse o feretro! que encontrasse o tumulto no mesmo mez, em que logrou o thalamo! finalmente, que em o proprio mez se lhe cantassem festivamente os poemas epithalamicos, & se lhe entoassem funestamente os epicedios, sendo jucundo espectáculo das nossas glorias, & tragicomico theatro das nossas penas! que mayor motivo para o excesso das magoas?

357 Porèm se o mez de Agosto madura com o seu calor as searas, & os pomos, sendo mez proporcionado para se colherem os pomos, & recolherem as searas:

Augustus

Berchor. in  
Dict.



*Augustus pyra dat, maturat poma calore:*

*Fam maturescunt Augusti munere fruges;*

Tendo a morte cajado, & fouce, mais com azas para os voos, que com pès para os passos: *Uncinus pomorum, falx volans*, não he muito, que voasse ao mais eminente monte, & sobisse á mais elevada arvore, para colher, & recolher de hum golpe com o cajado, a que era o mais faboroso pomo para a nossa delicia; & com a fouce, a que era a mais fermosa seara pela sua abundancia. Lá quiz o Profeta Isaías explicar hũa grande alegria, & disse, que seria semelhante á que tem os lavradores em a seara: *Laetabuntur coram te, sicut qui letantur in messe.* Quiz depois encarecer hũa excessiva dor, & exprimio-a dizendo, que se tirára a seara em o dia da herança: *Ablata est messis in die hereditatis; & dolebit graviter.* Eu, ao colher a morte no Agosto a nossa seara, não persuado na alegria o total alivio, nem dissuado na tristeza a total dor; digo fim, & digo só, que não deve ser tam exuberante o excesso da nossa dor, que não admitta algum alivio; considerando, que se o Agosto he proprio para recolher as searas, & para colher os frutos, não foi intempestiva a morte, em colher com o seu cajado, & recolher com a sua fouce a mais abundante seara, & o mais delicioso fruto no mez, q̄ era de Agosto.

358 A terceira circunstantia provocativa da magoa na morte da nossa Rainha, he a circunstantia do dia: foi este o de quatro de Agosto; q̄ sendo o mais fatalmente decretorio contra a sua saude, foi o mais infamemente critico para a nossa saudade. Nasceo aos seis de Agosto, & morreo aos quatro; aos seis nasceo, no dia que os Antigos julgavaõ ser o mais feliz para

Amos cap.  
8. n. 1.

Isai. cap. 9.  
n. 3.

Id. cap. 17.  
n. 11.

o nascimento dos Principes ; aos quatro morreo, no dia , o qual sendo pela sua desgraça chamado *Innominal* , será para a nossa pena o mais nomeado dia, porq̃ não he o de vinte seis de Agosto tam infeliz para os Bohemios , quanto tem sido o de quatro infauſto para os Lusitanos, não tanto pelas perdas passadas, que referem as historias , quanto pela perda presente, que será eternamente presente nas nossas lembranças. Nasceo aos seis , morreo aos quatro, & sepultu-se aos seis ; aos seis , trinta , & tres annos antes nascida ; & trinta, & tres annos depois aos quatro morta , & aos seis sepultada ; de modo que foi o dia da sua morte dous dias antes do que correspondia ao de sua natividade ; & o dia do seu nascimento teve por correspondencia o dia do seu sepulchro.

359 Mas se advertimos bem no dia do seu nascimento, no dia da sua morte, & no dia do seu sepulchro, acharemos para *Lenitivos* de nossa vehemente dor, que foi tam proporcionado o de quatro para a sua morte, quanto foi mysterioso o de seis para o seu sepulchro, & para o seu nascimento. No anno de 1666. em que nasceo a nossa Rainha, cahio o dia seis de Agosto á sexta feira, porque aquelle anno foi ao Domingo o seu dia primeiro ; & a sexta feira foi o dia, em que Deos produzio a luz os dous primeiros Monarchas, que domináraõ em o mundo, porque em o sexto dia creou a Adaõ, & Eva para senhores do Vniverso : & o dia, em que Deos sahio a luz com huns Reys, cujo Imperio se havia dilatar ás quatro partes do mundo, era o mais proporcionado, para que sahisse a luz, a que havia ser Rainha de hum tam glorioso Reyno, q̃ ás quatro partes do mundo dilata o seu Imperio.

Genes. c. 1.

Porèm